



*João Darcy de Moura Saldanha*

# OS MONUMENTOS MEGALÍTICOS DO AMAPÁ

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

333

SENADO FEDERAL



Os megalíticos do Amapá são um fascinante testemunho das civilizações pré-colombianas que habitaram o extremo norte do Brasil. Descoberto no início do século XXI, esse sítio arqueológico revela um complexo círculo de grandes blocos de pedra, cuidadosamente posicionados, que intrigam pesquisadores e despertam a imaginação sobre os conhecimentos astronômicos e culturais desses povos ancestrais.

Composto por blocos de granito fincados verticalmente no solo, alguns com até três metros de altura, parece ter servido a múltiplas funções, como um observatório astronômico, por exemplo. Estudos indicam que o alinhamento das pedras está relacionado com o solstício de inverno, sugerindo que os habitantes locais tinham um sofisticado entendimento dos ciclos solares, o que pode ter influenciado em rituais e na organização social da comunidade.

A descoberta dos megalíticos do Amapá não apenas enriquece o patrimônio histórico e cultural brasileiro, mas também abre novas perspectivas sobre a complexidade das sociedades amazônicas antigas. Ao revelar conhecimentos avançados em astronomia e arquitetura, o sítio desafia a visão tradicional de que tais realizações eram exclusivas de civilizações mais conhecidas, como as andinas ou mesoamericanas, destacando a importância de continuar a explorar e preservar esses tesouros arqueológicos.

## EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

Publicada desde 2003, a série *Edições do Senado Federal* apresenta títulos de interesse público sobre os mais variados temas, tais como História, Literatura, Ciência Política e Direito. Com mais de trezentos títulos lançados, reúne autores de prestígio, incluindo Otto Maria Carpeaux, Luís Edmundo, Francisco Adolfo Varnhagen, Machado de Assis e Juscelino Kubitschek.

As obras são editadas pelo Conselho Editorial do Senado Federal, órgão instituído pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, com o objetivo de definir e implementar a política editorial da Casa. O CEDIT avalia, tanto editorial quanto tecnicamente, propostas de publicação que estejam alinhadas às diretrizes de seu regimento interno.

Autores interessados em publicar por meio do Conselho Editorial devem encaminhar o manuscrito e a proposta de publicação para o e-mail: [cedit@senado.leg.br](mailto:cedit@senado.leg.br)

A presente obra é fruto do trabalho de servidores e colaboradores do Senado Federal, que se empenharam para assegurar ao leitor uma publicação de qualidade. O objetivo é proporcionar uma experiência enriquecedora, promovendo a valorização da leitura, o incentivo à formação cultural e intelectual, e a ampliação do acesso a livros que contribuam para a educação e o desenvolvimento do pensamento crítico. Assim, esperamos que esta obra inspire, informe e fortaleça o hábito de ler, contribuindo para uma sociedade mais instruída e culturalmente rica.

Para saber mais, visite:  
[www12.senado.leg.br/publicacoes/  
conselho-editorial-1](http://www12.senado.leg.br/publicacoes/conselho-editorial-1)  
[livraria.senado.leg.br](http://livraria.senado.leg.br)



# Os Monumentos Megalíticos do Amapá

SENADO FEDERAL

Mesa

Biênio 2023/2024

Senador Rodrigo Pacheco

PRESIDENTE

Senador Veneziano Vital do Rêgo

1º VICE-PRESIDENTE

Senador Rodrigo Cunha

2º VICE-PRESIDENTE

Senador Rogério Carvalho

1º SECRETÁRIO

Senador Weverton

2º SECRETÁRIO

Senador Chico Rodrigues

3º SECRETÁRIO

Senador Styvenson Valentim

4º SECRETÁRIO

SUPLENTES DE SECRETÁRIO

Senadora Mara Gabrilli

Senador Dr. Hiran

Senadora Ivete da Silveira

Senador Mecias de Jesus

CONSELHO EDITORIAL

Senador Randolfe Rodrigues

PRESIDENTE

Esther Bemerguy de Albuquerque

VICE-PRESIDENTE

CONSELHEIROS

Alexandre de Souza Santini Rodrigues

Ana Cláudia Farranha

Ana Flávia Magalhães Pinto

Ana Maria Veiga

Alcinéa Cavalcante

Bruno Lunardi Gonçalves

Carlos Ricardo Cachiollo

Eduardo Rômulo Bueno

Esmeraldina dos Santos

Fernando Pimentel Canto

Heloisa Maria Murgel Starling

Ilana Trombka

João Batista Gomes Filho

Marco Américo Lucchesi

Nathalia Henrich

Rafael André Chervenski da Silva

Victorino Coutinho Chermont de

Miranda

João Darcy de Moura Saldanha

# Os Monumentos Megalíticos do Amapá

Resultados dos primeiros 20 anos de pesquisa

Edições do Senado Federal  
vol. 333

Brasília, 2024

SENADO FEDERAL



EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL  
VOL. 333

---

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país e também obras da história mundial.

Organização: Cristiano Ferreira

Revisão: Cristiano Ferreira, Laércio Franzon e Marília Coelho

Capa: Thomas Gonçalves e Rodrigo Ribeiro

Projeto gráfico: Eduardo Franco

Diagramação: Cida Martins

© Senado Federal, 2024

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº

CEP 70165-900 — DF

[cedit@senado.leg.br](mailto:cedit@senado.leg.br)

<https://www12.senado.leg.br/publicacoes/conselho-editorial-1>

Todos os direitos reservados

---

Saldanha, João Darcy de Moura.

Monumentos megalíticos do Amapá : resultados dos primeiros 20 anos de pesquisa / João Darcy de Moura Saldanha. – Brasília : Senado Federal, 2024.

92 p. : il. color. – (Edições do Senado Federal ; v. 333)

ISBN: 978-65-5676-565-5

1. Pré-história, Brasil. 2. Arqueologia, Amapá (AP). 3. Monumento histórico, Amapá (AP). 4. Artefato, Amapá (AP). I. Título. II Série.

CDD 981.01

---

## LISTA DE FIGURAS

Mapa com a distribuição de recintos megalíticos de diferentes tamanhos	22
Área junto ao Igarapé Rego Grande, mostrando a distribuição das estruturas megalíticas.	24
Comparação de tamanho entre as estruturas megalíticas na área Rego Grande	25
Sítio Arqueológico AP-CA-38, Poço 01: sequência da escavação arqueológica, desde o início de seu acesso à câmara, passando pela descoberta de 5 vasos, até o fundo da câmara contendo ossos desarticulados.	26
Poço 02: sequência da escavação arqueológica, desde a exposição de sua tampa, o início de seu acesso à câmara, passando até o fundo da câmara contendo ossos desarticulados, associados a uma lâmina de machado polido.	27
Perfil do Poço 02 mostrando seu conteúdo	27
Sítio Arqueológico AP-CA-38, Estrutura 05: sequência da escavação arqueológica.	28
Sítio AP-CA-21: Poço 01 sequência da escavação arqueológica, desde o achado de sua tampa, passando pela descoberta do conjunto de 10 urnas.	30
Perfil Poço 01 mostrando seu conteúdo	30
Sítio AP-CA-21: Poço 02: sequência da escavação arqueológica, desde a exposição de sua tampa, passando pela descoberta das urnas funerárias e, por fim, o fundo do poço com a pequena câmara lateral.	32
Perfil Poço 02 mostrando seu conteúdo.	32
Sítio AP-CA-21. Estrutura 03: sequência da escavação arqueológica.	33
AP-CA-38: Diferença no tamanho dos monólitos entre os dois lados da estrutura.	34
Base do megalito escolhida para escavação. Em destaque (circulado), o topo do bloco caído.	37

Detalhe da estrutura de sustentação do monólito no nível 20-30 cm com blocos de laterita e placas de granito inseridas na fossa de forma a manter o bloco em um ângulo específico.	38
À esquerda: final da escavação da trincheira no entorno da base de bloco. À direita: detalhe da estrutura de sustentação do bloco ao final da escavação.	39
Visão geral da estrutura de deposição cerâmica no entorno da placa	41
Visão geral da delimitação do poço e da deposição de fragmentos cerâmicos no seu interior.	42
Vasilhas mais completas nos níveis 40-50 cm e 50-60 cm de profundidade.	43
No Poço 1, aos 170 cm de profundidade, a situação das três vasilhas depositadas na câmara lateral.	44
Perfis mostrando as deposições nos poços 01 (alto) e 02 (abaixo) do sítio AP-CA-18	45
À esquerda: grande placa de granito antes da escavação. À direita: a mesma placa depois de rebaixados 10 cm de profundidade.	46
Placas de granito formando uma área levemente circular no nível 10-20 cm.	47
A borda do poço e as vasilhas cerâmicas evidenciadas no nível 50-60 cm.	48
Nível 60-70 cm do poço 2, com a exposição de mais vasilhas inteiras e alguns fragmentos.	48
Final da escavação do poço 2 com a exposição das vasilhas depositadas na sua base.	49
Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1.	50
Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1.	51
Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1.	52
Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1.	52
Perfil Poço 03 mostrando seu conteúdo	53
Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1.	54
Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1.	54
Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1.	55
Perfil Poço 04 mostrando seu conteúdo	56

Diferentes estilos cerâmicos encontrados no complexo cerimonial Rego Grande.	58
Sítio Pointe Morne: perfil estratigráfico do fosso (à esquerda) e plano topográfico da implantação do sítio (em azul) e do fosso (em vermelho). Imagens cedidas por Mickael Mestre.	61
Sítio Pointe Morne: Acima conteúdo intacto de poço. Abaixo, poço já remexido. Fotos INRAP.	62
Sítio Pointe Morne. Acima urna intencionalmente fragmentada por uma rocha laterítica. Abaixo, urna antropomorfa remontada faltando fragmentos que fariam parte do rosto. Fotos INRAP.	63
Fortunat Kapiri.	64
Fortunat Kapiri. Poço com urna funerária antropomorfa Aristé. Abaixo a urna remontada. Fotos INRAP.	65
Fortunat Kapiri. Poço com urna funerária antropomorfa Aristé.	66
Vestígios de esteios de cabanas no sitio Curiaú Mirim 1	67
Sítio Curiaú Mirim, estrutura 42. Detalhe de arranjo funerário e o mesmo arranjo cercado por bolsões contendo negativos de poste no seu fundo.	69
Urnas antropomorfas C após reconstituição em laboratório. Foto gentilmente cedida por Mauricio de Paiva.	71
Fragmentos cerâmicos decorados e artefatos líticos polidos (à direita) associados à estrutura 42. Fotos de Alan Nazaré.	74
Contas de colar associadas a urna no poço funerário 1043. Foto de Gambin Junior.	75
Deposições cerâmicas em poço da estrutura 1043.	76
Poço 1059: à esquerda, contas de colar com dentes humanos e de onça. À direita, contas feitas com crinoides fósseis.	79
Deposições de urnas nas câmaras laterais do Poço 1053	79
Sítio UNIFAP: Diferentes estilos cerâmicos.	82
Sítio UNIFAP: distribuição de urnas em um dos espaços escavados.	82



## SUMÁRIO

PRÓLOGO	11
INTRODUÇÃO	15
1 OS SÍTIOS MEGALÍTICOS	21
As Escavações	23
Área 1 (Sítio AP-CA-38)	24
Área 2 (AP-CA-21)	28
Área 4 (AP-CA-18)	33
Poço 1	40
Poço 2	46
Poço 3	50
Poço 4	53
A astronomia do conjunto Rego Grande	58
2 OUTROS MONUMENTOS PRÉ-HISTÓRICOS NO AMAPÁ OS CEMITÉRIOS DELIMITADOS POR FOSSOS	61
Os Poços Funerários e urnas funerárias marcados por troncos erigidos da região de Macapá	66
CONCLUSÃO	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87



## PRÓLOGO

Não é todo dia que arqueólogos encontram algo extraordinário, um achado que pode mudar nossas vidas... Isso aconteceu comigo e minha colega, Mariana Cabral, em novembro de 2005. Recém-chegados ao Amapá para montar o que é hoje o Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá (IEPA), fomos chamados pelo diretor do Instituto, Dr. Benedito Rabelo, para investigar um conjunto de estranhas rochas em pé, notadas por uma equipe que estava fazendo um levantamento geológico na região.

Dr. Benedito nos falou, “não sabemos o que é, mas talvez vocês, como arqueólogos, possam estar interessados em esclarecer essas formas rochosas”. Um dos membros da equipe de geologia, Elias Avila, um adepto da construção de relógios solares, notou que a inclinação de umas rochas era significativamente semelhante ao alinhamento do solstício de dezembro, quando o sol está no momento mais ao norte da Linha do Equador.

Dado o excitamento de estarmos diante de algo significativo, uma expedição científica foi montada, com arqueólogos, geólogos e meteorologistas e, se uma rocha estava inclinada para um alinhamento astronômico como Elias Davila apontava, o dia também tinha que ser significativo: 21 de dezembro, o dia do Solstício.

Para chegar ao local, tínhamos que enfrentar uma viagem de mais de seis horas, em partes de estrada ainda não asfaltada. Valeu a pena... no local podemos confirmar que estávamos diante de um círculo de grandes pedras em pé, um tipo de sítio arqueológico conhecido como megálitos (do grego mega: grande; litos: pedra). Entrar no centro deste círculo, tocar nessas rochas, sobreviventes de nosso passado antigo é sempre uma emoção, que chega ao arrepio! Há uma certa magia em algo que viajou no tempo: pedras, que por si só têm milhões de anos, que foram posteriormente transformadas, transportadas e colocadas

em pé por uma comunidade indígena há centenas de anos por motivos que naquele momento ainda não sabíamos: extremamente pesadas, nos circulando e imersas em uma paisagem única do cerrado do Amapá. E sim! Confirmamos que uma das rochas (encontramos outras depois) marcava de fato o Solstício de 21 de dezembro! Começamos a vasculhar o solo e notamos que era completamente tomado por fragmentos cerâmicos. A equipe nos perguntava: “É antigo?” Sabíamos que era incomum, mas não tínhamos certeza de nada. “Certamente é antigo, e um sítio arqueológico de extrema importância para conhecermos a história da Amazônia antiga”, eu respondi.

No entanto, precisávamos saber o máximo possível sobre o contexto do Megálito de Calçoene. Contexto: a associação dos objetos entre si dentro do sítio arqueológico e como este sítio se relaciona com outros sítios na região é fundamental para a arqueologia. E para isso precisávamos iniciar um intenso projeto de pesquisa.

O Amapá sempre foi um tipo de Meca da arqueologia (infelizmente com muitos poucos peregrinos até recentemente). Foi palco de grandes descobertas no século 19 e início do século 20: Emilio Goeldi nos poços funerários do Cunani; Pinto Guedes nas cavernas do Maraca; e as “pedras enfincadas” encontradas pelo Curt Nimuendaju. Foi alvo das primeiras investigações científicas no Brasil, efetuadas pelo casal de norte-americanos, Betty Meggers e Clifford Evans. Um grande projeto de pesquisa foi efetuado por Vera Guapindaia e Edithe Pereira, do Museu Emilio Goeldi, e foi realizado nas cavernas do Maraca na década de 90 do século 20. Mas tudo isso eram pontos no mapa. Precisávamos de um projeto ambicioso, que tivesse um olhar geral sobre o Amapá e conectasse esses pontos para entender os megálitos de Calçoene. E foi o que fizemos.

Felizmente o sítio atraiu a atenção do governo do Estado do Amapá, que viu no sítio a possibilidade de tornar o local em uma atração turística internacional, e decidiu financiar as pesquisas e nos ajudar a estruturar o Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do IEPA. Felizmente, eu e Mariana, que até então estávamos trabalhando numa sala emprestada no IEPA e com acesso a um único computador, fomos colocados para trabalhar e desenvolver um laboratório para lidar com os achados das pesquisas,

o germe de uma das maiores instituições de pesquisa arqueológica na Amazônia hoje. Ao mesmo tempo, expropriou a área, tornando-a primeiramente um *campus* avançado de pesquisas arqueológicas, mas que hoje tornou-se o primeiro parque arqueológico no Brasil, o “Parque Arqueológico do Solstício”.

No tempo em que o Megálito de Calçoene caiu no nosso colo, não tínhamos muito o que fazer em termos de pesquisa de campo, então estávamos tentando fazer um tipo de “trabalho de missionário”: palestras em escolas, universidades e público em geral ao redor de Macapá, tentando atrair a curiosidade dos não pesquisadores sobre sua história, a criar uma ligação entre eles e seu patrimônio histórico. Neste sentido, olhando para aquele tempo, o achado em Calçoene me parece ter sido um apelo vindo do passado para ajuda na preservação do patrimônio arqueológico; um tipo de portal, e uma maneira vívida e acessível para nós todos entendermos nossos antepassados e seu legado. Os megálitos explodiram na mídia nacional e internacional, tornando-se motivo de orgulho para os amapaenses. Melhor ajuda não poderia existir para nós, “missionários” do patrimônio arqueológico. O achado não poderia ter vindo em melhor hora: criar engajamento do governo e das comunidades, desenvolver melhor as pesquisas arqueológicas do Amapá, criar o Parque Arqueológico do Solstício e o germe do Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do IEPA; estávamos no lugar certo e na hora certa.

Os trabalhos de escavação duraram entre 2006 e 2012, quando decidimos que já havíamos esgotado o conjunto de perguntas que havíamos nos colocado desde o início e era hora de rever as centenas de milhares de cerâmicas recolhidas e refletir sobre os achados, algo que, mesmo enquanto escrevo este livro, ainda estamos fazendo. No entanto, é hora de publicar para a academia e o público em geral o que hoje sabemos (e não sabemos) sobre os megálitos. E este livro tenta cumprir essa dupla função.

Termino este prólogo dizendo que, mesmo sendo algo do passado, tanto os artefactos quanto os sítios arqueológicos estão no presente, às vezes visíveis, às vezes invisíveis, sob nossos pés, e eles nos engajam, assim como engajavam pessoas no passado, como veremos neste livro. Se olhamos para o passado distante, percebemos que a ocupação hu-

mana com materiais exóticos e monumentos é antiga, fascinação essa que levou à construção dos megálitos. A fascinação com essas coisas uniu pessoas por milênios, ainda nos une hoje, e isso é parte de sermos humanos. Os megálitos não são meras construções: são estruturas que podem nos transportar em uma viagem através do tempo e do espaço. E isso é o que é tão fascinante sobre a arqueologia, essa possibilidade de abrir portas para outros mundos, outros tempos.

## INTRODUÇÃO

Este livro tem a intenção de apresentar 20 anos de pesquisas relacionadas aos sítios megalíticos do Amapá, monumentos criados com grandes (mega) pedras (litos) há mais de mil anos. Monumentos que, pelas pesquisas já efetuadas, tinham múltiplas funções: marcar fenômenos astronômicos, receber urnas funerárias com restos ancestrais das comunidades do entorno, congregar pessoas de diferentes regiões para festins rituais e também marcar diferenças sociopolíticas não só entre pessoas, mas também entre diferentes aldeias, seja através da presença de cerâmicas altamente decoradas, seja pelo tamanho das rochas, que exigiria uma coordenação centralizada para incentivar os grupos a investir tempo para a construção destes monumentos. Tudo o que descrevi até agora sobre os megálitos são características de sociedades que desenvolveram uma estrutura sociopolítica mais complexa, ou seja, os megálitos seriam fruto de uma sociedade com uma estrutura política organizada, com especialização e divisão do trabalho, possuindo grandes projetos arquitetônicos, ritos funerários bem prescritos e desigualdade social. Como em outras partes da Amazônia, a presença de sociedades indígenas com essas características não era esperada há 30 anos atrás.

De fato, a arqueologia amazônica passou por uma série de mudanças no entendimento sobre a natureza da ocupação pré-histórica desta região ao longo dos anos. A partir da visão do paradigma ecológico-cultural de Julian Steward (Steward, 1948), foi estabelecida uma tipologia para as culturas sul-americanas, onde a base para organização sociopolítica estaria ligada a padrões de adaptação ao meio ambiente. Dentro desta classificação, as culturas das terras baixas seriam classificadas como grupos de “floresta tropical”, com organização sociopolítica necessariamente baseada em aldeias pequenas e autônomas com tecnologias simples e estruturas igualitárias.

Nessas investigações baseadas no determinismo ambiental, o foco era se as culturas amazônicas tinham a capacidade de gerar excedentes e, portanto, suportar grandes populações. Dentro desta perspectiva, a agricultura baseada na mandioca (típica das culturas indígenas da Amazônia) não teria capacidade de produzir excedentes para sustentar sociedades mais complexas. Além disso, dado que a mandioca era subsistência básica das culturas de floresta tropical, não haveria a necessidade socioeconômica de sua redistribuição pela centralização sociopolítica.

Revisionistas, a partir de Lathrap (1970) e Roosevelt (1991), se contrapuseram fortemente a essa visão. Para eles a Amazônia não seria homogênea, nem um “Paraíso Imperfeito” – como Betty Meggers, a mãe da arqueologia científica amazônica, chamou a região – sendo lugar de desenvolvimento e florescimento cultural. A base de argumentação para os revisionistas, no entanto, continuou com uma forte premissa ecológica: as várzeas seriam locais propícios para agricultura intensiva, com o uso do milho e proteínas baseadas na pesca para geração de excedentes e, portanto, para surgimento de sociedades mais complexas e grande demografia.

Por detrás desta bipolarização havia duas principais evidências que levavam ao debate: de um lado, uma cerâmica altamente elaborada, algumas com características antropomórficas e zoomórficas, e, de outro, a monumentalidade evidente em alguns sítios, como as ilhas artificiais da ilha de Marajó e as estruturas megálíticas do Amapá. Para os defensores do determinismo ecológico essas evidências nada mais eram do que registros da migração de grupos adaptados a regiões ambientalmente mais produtivas (tal como os Andes ou o Caribe), que chegaram às terras baixas amazônicas com sua cultura já desenvolvida. Para os revisionistas estas evidências eram fruto de um desenvolvimento local, uma adaptação a um ambiente altamente produtivo como a várzea amazônica.

Pesquisas mais recentes têm, no entanto, ressaltado que o debate sobre a natureza das formações sociopolíticas amazônicas tem que ultrapassar os modelos simplistas baseados em falsas dicotomias colocadas pelas discussões anteriores: os modelos simples *versus* complexos, mandioca *versus* milho, várzea *versus* terra firme etc. Há hoje sólidas bases para perceber que a Amazônia, tanto no passado quanto no presente,

é extremamente heterogênea, indo além do que colocam os modelos dicotômicos (Neves, 2015).

Uma dessas percepções advém de inúmeras evidências da existência de florestas de origem antropogênica, tal como as extensas florestas de castanhais ou açazais, e que estas possuem mais biodiversidade do que as florestas “pristinas”, levando-nos a hoje pensar que a Amazônia foi muito mais um ambiente cultural manejado pelos indígenas do que uma selva natural (Balée 1993, 1995, Heckenberger et al. 2003, 2008).

Mais do que responder adaptativamente ao meio, como assumido pela premissa da ecologia cultural, os índios amazônicos intencionalmente manejariam suas paisagens para garantir uma ampla produção de alimentos, através do manejo das matas, da produção de terras pretas ou de campos sobre-elevados (Glaser *and* Woods 2004; Lehman et al. 2003), ou, ainda, barragens para controle da produção de peixes (Schaan, 2004).

No entanto, a percepção pelos arqueólogos de uma efetiva modificação de paisagens na Amazônia por grupos indígenas locais, apesar de obter sucesso em notar que as sociedades indígenas desta região foram além da mera adaptação ao meio para modificá-lo para seus próprios fins, continua com uma forte premissa econômica para explicação dos fenômenos arqueológicos na região.

Entende-se isto dentro de uma perspectiva política atual, em que ambientalistas, agarrados aos mitos de uma “floresta pristina” sem intervenção humana, procuram por todos os meios a criação de áreas de conservação abstratas. Nestas áreas seus habitantes tradicionais são retirados para uma “efetiva proteção” destes ambientes, como se a atual biodiversidade destes locais não tivesse sido fruto da intervenção humana ao longo de, pelo menos, 11 mil anos. Um foco na Ecologia Cultural é essencial para mudar esta visão míope de uma política preservacionista da sociedade ocidental atual.

No entanto, as modificações da paisagem levadas a cabo pelas sociedades indígenas amazônicas pré-contato vão muito além do que apenas intervenções para incrementos agroecológicos ou adaptativos. As evidências destas modificações são muitas, tais como as grandes ilhas artificiais de Marajó, utilizadas para fins habitacionais e funerários; sítios cercados por fossos na Bolívia, Acre e Guiana Francesa; pirâmides

construídas em terra na Bolívia e, finalmente, os megálitos no Amapá. Todos esses sítios adicionam um caráter de monumentalidade, de uma memória em longo termo, às paisagens amazônicas.

Tais evidências monumentais, que são muitas vezes associadas com cerâmicas altamente decoradas depositadas em contextos cerimoniais-funerários são reflexos de um incremento econômico, gerando as modificações sociopolíticas que deram origem a tal registro arqueológico.

No caso dos megálitos do Amapá, eles estão em uma região com uma das mais altas diversidades culturais na América do Sul, conforme documentado pela alta diversidade de estilos cerâmicos presentes na região. Desde as primeiras explorações arqueológicas efetuadas no Amapá desde o final do século 19 (Goeldi, 1905; Hartt, 1881), dois elementos chamaram muita atenção nos sítios arqueológicos da foz do Amazonas: de um lado, cerâmicas altamente decoradas, possuindo pintura policrômica e características antropo ou zoomorfas; e de outro lado o tamanho imenso dos montes artificiais construídos pelos indígenas, utilizados para fins habitacionais e funerários.

Entretanto, embora tenha se dado muito destaque para as evidências derivadas das escavações na ilha do Marajó, o restante das áreas do estuário do Amazonas, em especial o Amapá, foram pouco arqueologicamente trabalhadas até recentemente. Isso resultou em uma imagem incompleta da ocupação indígena antiga na região amapaense que, até recentemente, era vista como resultado de grupos sociopoliticamente simples, com pouco impacto na paisagem. Mas os megálitos e outros monumentos pré-históricos recentemente encontrados no Amapá mudam radicalmente esta visão.

Este livro será organizado da seguinte maneira: primeiro iremos apresentar a distribuição e organização espacial dos megálitos, que estão localizados entre o rio Cunani e o rio Flexal. A seguir apresentaremos os dados das escavações realizadas em diversos megálitos no entorno do Rego Grande, sítio intensamente trabalhado nestes últimos 20 anos.

Depois vamos aumentar um pouco o escopo e mostrar outros monumentos pré-históricos menos conhecidos que os megálitos, mas igualmente importantes, tais como os poços funerários cercados por fossos circulares na região do Oiapoque e sul da Guiana Francesa; os poços

funerários cercados por troncos de madeira e o monte de pedras colocado sobre urnas no sítio dentro da Universidade Federal do Amapá.

Terminamos com uma interpretação dos motivos por trás da construção dessa quantidade e diversidade de monumentos pré-históricos no Amapá.

Este livro apresenta o resumo de um primeiro trabalho intensivo de pesquisa com o objetivo de entender não só o fenômeno megalítico, mas também a construção de outros monumentos, preenchendo uma importante lacuna na arqueologia da Amazônia.



## OS SÍTIOS MEGALÍTICOS

Quando se fala sobre megálitos no Amapá, a grande maioria das pessoas imediatamente pensa somente em Calçoene. Entretanto, nossas pesquisas de campo e bibliográficas já contabilizam mais de 40 sítios megalíticos, concentrados nos municípios de Calçoene e Amapá.

Alguns dos sítios são compostos por mais de uma estrutura. O Rego Grande, por exemplo, e composto pelo círculo de pedras maior, mas, num raio de menos de 1 km, outros quatro existem. Tais monumentos são frequentemente encontrados no domínio da zona costeira, que é caracterizada por um relevo plano e baixo, cortado por um sistema de drenagem complexo, com forte influências das marés, em áreas de savana. Os círculos de pedra variam em diâmetro (3 a 36 m), número de megálitos (2 a 127 pedras) e *layouts*, mas são sempre situados no topo de pequenas colinas nas savanas alagáveis, junto a rios e igarapés. Os planos de alguns megálitos não são perfeitamente circulares, podendo ser irregulares ou ovais, como se tivessem sido construídos em fases, para aumentar seu tamanho.

A fim de entender os padrões espaciais dos sítios megalíticos, classificamos os sítios através de uma fórmula matemática muito simples que inclui o diâmetro máximo *versus* o número total de rochas utilizadas para construir os círculos. Isso permite classificar os sítios em termos de esforço de construir essas estruturas, mas também mede o trabalho necessário para mover os megálitos das pedreiras para os sítios onde os círculos seriam construídos. Com isso conseguimos dividir os sítios em pequenos (tipo 1), médios (tipo 2) e grandes (tipo 3) círculos megalíticos. Somente dois sítios caíram no tipo 3, não somente por causa do número de rochas e seu diâmetro, mas também pela presença de lajes megalíticas maiores (alguns medindo mais de 4 metros). O regular espaçamento

desses dois sítios grandes (18 km um do outro) ao longo da área entre os rios Cunani e Flexal e o agrupamento de megálitos médios e pequenos gravitando ao redor deles sugerem que os grandes megálitos serviriam de centros regionais, construídos por grupos de aldeias importantes e congregando comunidades menores no seu entorno.

Se aceitarmos, com base nos dados de escavação que veremos a seguir, que os recintos megalíticos eram usados para reunir grupos para festas aliadas a sepultamentos e observação de fenômenos astronômicos, interpretamos os aglomerados de recintos megalíticos de pequeno a médio porte gravitando em torno dos maiores locais como refletindo grupos menores ligados a grupos com maior poder. Sob tal organização, sítios megalíticos maiores e arquitetonicamente mais elaborados constituem os cerimoniais que exercem influência não apenas sobre os recintos megalíticos circundantes de pequeno a médio porte, mas também sobre sítios de aldeias no entorno.

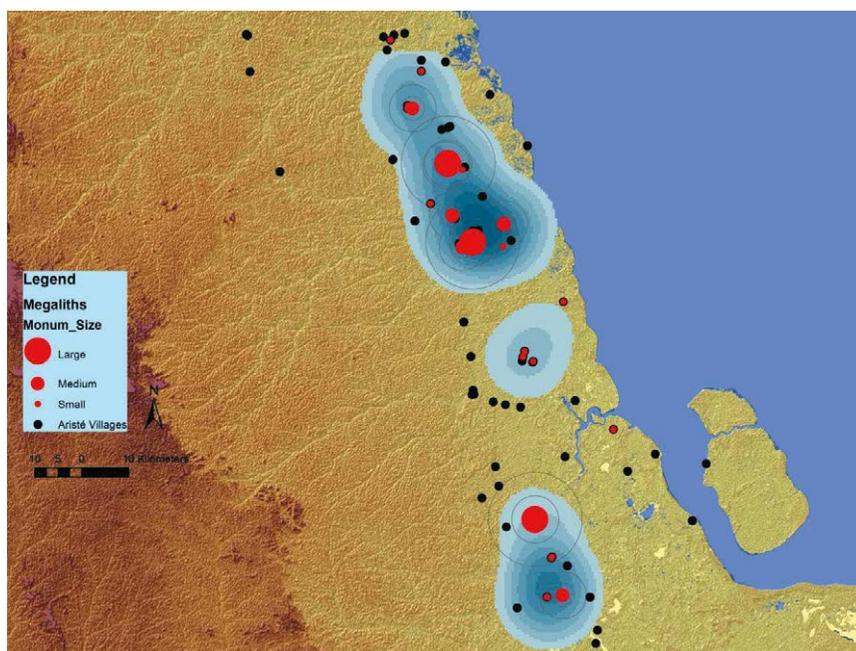


Fig. 1- Mapa com a distribuição de recintos megalíticos de diferentes tamanhos (pontos vermelhos), locais de aldeias contemporâneas (pontos pretos), zonas tampão em torno dos principais recintos megalíticos.

Os sítios das aldeias são sempre modestos em tamanho, não medindo mais de 1 ha, levando a uma baixa visibilidade arqueológica e, portanto, à sua sub-representação nos dados arqueológicos. Pesquisas nestas aldeias, no entanto, indicam que ocorrem em diversos ambientes, incluindo litoral, manguezais, savanas e florestas de terra firme. Extensas escavações realizadas em três desses locais de aldeia mostram que tais aldeias exibem depósitos arqueológicos rasos, poucos artefatos cerâmicos e características arqueológicas simples, como buracos de postes e pisos moldados em argila. Tudo isto aponta para locais de ocupação curta, ocupados sazonalmente.

#### AS ESCAVAÇÕES

Para compreender melhor estas distribuições de sítios entre grandes, médios e pequenos círculos megalíticos, uma área piloto foi selecionada para um estudo aprofundado. Na área de campos do Igarapé Rego Grande, medindo 2 km x 0,6 km, existe um complexo cerimonial envolvendo estruturas megalíticas com diferentes tamanhos.

Este complexo está distribuído nas colinas junto à planície alagadiça do Igarapé Rego Grande. Tal complexo compreende cinco áreas de estruturas megalíticas.

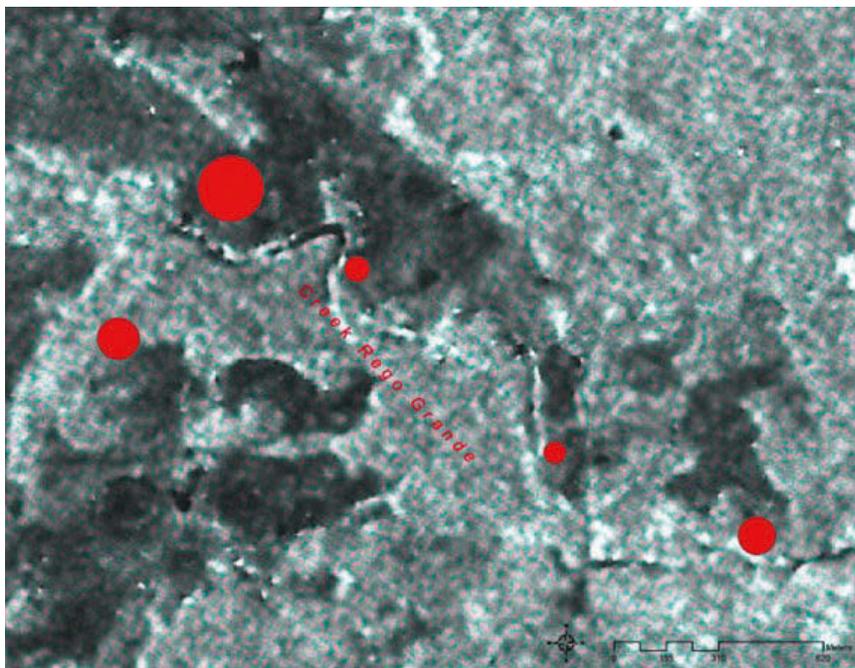


Fig 2: Área junto ao Igarapé Rego Grande, mostrando a distribuição das estruturas megálicas. O tamanho dos pontos é relativo ao tamanho das estruturas. É possível ver que a amostra representa megálicos grandes, médios e pequenos.

Quatro destas estruturas foram objeto de investigações arqueológicas. Essas investigações mostraram que as diferenças em tamanho das estruturas também refletem diferenças nas deposições de objetos.

#### ÁREA 1 (SÍTIO AP-CA-38)

Trata-se de um sítio de pequenas dimensões (tipo 1) composto por megálicos que formam uma estrutura oblonga, com diâmetro máximo de 10 m e mínimo de 8 m. Existem muitas rochas deitadas, havendo apenas um conjunto de várias pedras sobrepostas que ficam em pé, situado a norte da estrutura. Algumas pedras depositadas horizontalmente possuem mais de 3 m de diâmetro. Como confirmamos em 3 casos, trata-se de cobertura de poços funerários.

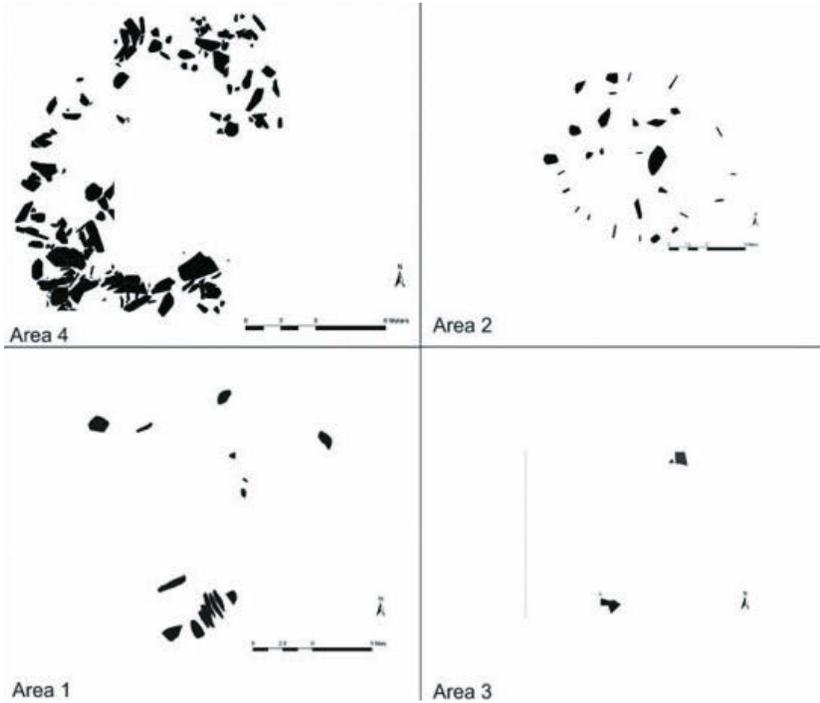


Fig 3. Comparação de tamanho entre as estruturas megalíticas na área Rego Grande.

A escavação se focou em estruturas de rochas visíveis a partir da superfície: quatro áreas abertas em estruturas formadas por rochas depositadas horizontalmente e uma área no entorno do conjunto de blocos em pé.

O primeiro conjunto escavado, denominado Poço 1, era formado por duas placas. Ao se rebaixarem estas placas, foi notado que elas cobriam um poço circular medindo 80 cm de diâmetro. Rebaixando-se este poço, abaixo de 70 cm de profundidade, foi notado o início da formação de uma câmara lateral, que estava direcionada para leste. Nesta câmara, que media 2,30 m x 2 m, foi possível evidenciar a deposição de diversos ossos humanos colocados sobre placas de granito no fundo do poço. Sobre esses ossos foram ainda depositadas 5 urnas lisas, possivelmente acompanhamentos funerários, pois em seu interior não havia ossos.



Fig4. Sítio Arqueológico AP-CA-38, Poço 01: sequência da escavação arqueológica, desde o início de seu acesso à câmara, passando pela descoberta de 5 vasos, até o fundo da câmara contendo ossos desarticulados.

O segundo conjunto de megálitos escavado era formado por uma imensa placa granítica medindo 3 m x 1 m associada a outras menores. Ao se retirarem as placas superficiais foi possível notar a abertura de um poço, medindo 1,20 m de diâmetro, contendo placas de granito em posição vertical que forravam suas paredes a oeste, norte e sul. Aos 60 cm de profundidade foi notada a abertura de uma câmara lateral para a direção leste. Esta câmara, que possuía 80 cm de diâmetro e 35 cm de profundidade, possuía em sua base a deposição de ossos humanos desarticulados, associados a uma lâmina de machado polido.



Fig5: Poço O2: sequência da escavação arqueológica, desde a exposição de sua tampa, o início de seu acesso à câmara, passando até o fundo da câmara contendo ossos desarticulados, associados a uma lâmina de machado polido.

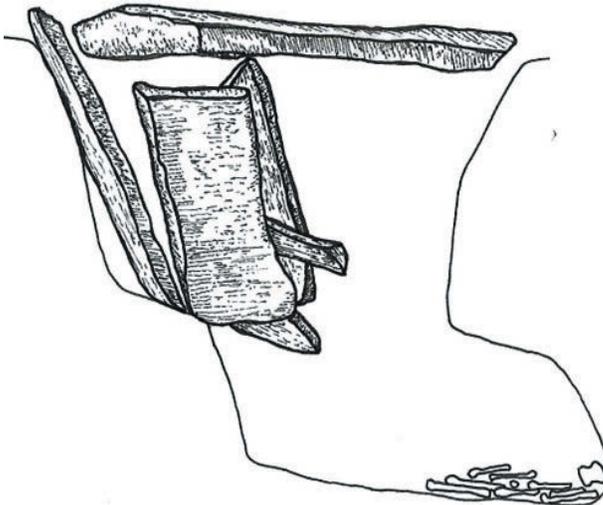


Fig6: Perfil do Poço O2 mostrando seu conteúdo.

Uma terceira área escavada foi aberta de modo a abranger toda a área de entorno do conjunto de megálitos em posição vertical. Esta escavação, que abrangeu uma área de 5 m x 4 m, rebaixou o solo no entorno destes megálitos até a base, a fim de verificar o método de inserção destas placas no solo. Foi possível ainda verificar a deposição de sete vasilhas cerâmicas intencionalmente depositadas na base desta estrutura, no seu setor sul.



Fig7: Sítio Arqueológico AP-CA-38, Estrutura 05: sequência da escavação arqueológica. Na foto superior, em primeiro plano, é possível ver um dos vasos cerâmicos depositados na base dos megálitos.

## ÁREA 2 (AP-CA-21)

Este é um sítio megalítico de médias dimensões (tipo 2), situado na margem esquerda do Igarapé Rego Grande, e distante não mais do que 500 m da Área 4 – o maior e mais conhecido megálito do conjunto. O local onde a estrutura está inserida é cercado por uma área aberta ampla,

mais baixa, e parcialmente alagada durante o período de chuvas. As rochas ficam no topo de uma colina (ilha), em meio a uma capoeira antiga.

Em superfície, é possível contabilizar 13 conjuntos de blocos, entre enterrados e de pé (sete de pé). A estrutura é circular, possuindo 16 m de diâmetro.

A escavação se focou em três estruturas de rochas visíveis a partir da superfície: duas áreas abertas em estruturas formadas por rochas depositadas horizontalmente, uma no centro da estrutura e outra em seu limite oriental e uma área no entorno dos blocos em pé. Cada uma destas áreas recebeu um número específico, além de serem cobertas por uma malha de quadriculamento de 1 m x 1 m.

O primeiro conjunto escavado, denominado 1, era formado inicialmente por um grande bloco de granito, localizado no centro da estrutura. Ao se rebaixar esta placa, outros blocos foram notados, que mergulhavam para os níveis inferiores. Aos 30 cm de profundidade já foi possível notar as bordas de um poço, medindo 1,5 m de diâmetro e, em seu centro, uma placa granítica em posição horizontal que, dado nosso conhecimento acumulado sobre as estruturas megalíticas, trata-se de uma tampa do poço. Sobre a tampa, e no entorno das bordas da estrutura, encontramos deposições de cerâmicas fragmentadas.

Retirando esta tampa e rebaixando-se o poço, abaixo de 58 cm de profundidade, foi encontrada a deposição de 10 urnas funerárias. Duas delas, apesar de possuírem apenas pinturas vermelhas, pela sua forma e algumas incisões, parecem indicar tratar-se de variações das urnas antropomorfas típicas da Fase Aristé (Goeldi 1905; Meggers & Evans 1957; Rostain 2011; Cabral & Saldanha 2012). A escavação do poço foi encerrada aos 78 cm de profundidade, quando localizamos seu fundo.



Fig8: Sítio AP-CA-21: Poço 01 :sequência da escavação arqueológica, desde o achado de sua tampa, passando pela descoberta do conjunto de 10 urnas.

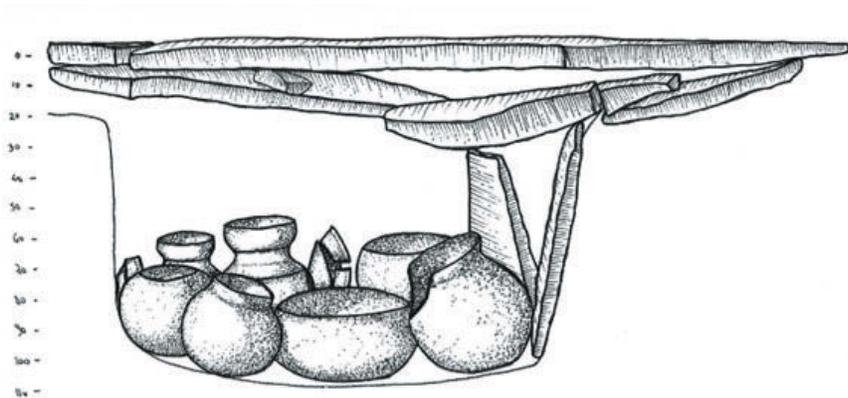


Fig9: Perfil Poço 01 mostrando seu conteúdo

O segundo conjunto escavado localizava-se junto ao limite oriental da estrutura megalítica, tendo sido notado inicialmente como uma de-

pressão no solo contendo placas de granito enterradas. Ao se rebaixar aos 20 cm de profundidade, foi possível notar os limites de um poço e, em seu interior, placas de granito que parecem servir de tampa. Sobre uma das tampas, uma concentração de cerâmica foi localizada, tendo sido denominada “Deposição 01”, possivelmente uma oferenda cerimonial. Ao se retirarem as placas e rebaixando o poço, começamos a notar deposições mais estruturadas de fragmentos cerâmicos, formando conjuntos mais definidos, como urnas funerárias fragmentadas. Aos 73 cm de profundidade, era possível notar quatro placas de granito em posição vertical que, estando encostadas junto às bordas do poço, pareciam formar uma espécie de parede. No centro do recinto formado pelas placas já era possível notar seis conjuntos formando urnas funerárias e suas tampas. Uma das urnas era um exemplar de urna antropomorfa policrômica Aristé que, no entanto, não apresentava apliques com formas humanas. No fundo do poço, aos 90 cm de profundidade, além das placas servindo de paredes ao poço, foi encontrada, além da urna policrômica, uma tigela carenada que, pela sua posição, deveria ser a “tampa” desta urna. Uma pequena câmara lateral, vazia, foi localizada na parede leste do poço. A escavação do poço foi encerrada aos 90 cm de profundidade, quando localizamos seu fundo.



Sítio AP-CA-21: Poço 02: sequência da escavação arqueológica, desde a exposição de sua tampa, passando pela descoberta das urnas funerárias e, por fim, o fundo do poço com a pequena câmara lateral.



Perfil Poço 02 mostrando seu conteúdo.

Uma terceira área escavada foi aberta de modo a abranger uma área de entorno de um megálito em posição vertical. Esta escavação, que abrangeu uma área de 2 m x 2 m, rebaixou este megálito até a base, a fim de verificar o método de inserção desta placa no solo. Algumas concentrações de fragmentos cerâmicos no entorno foram encontradas.



Sítio AP-CA-21. Estrutura 03: sequência da escavação arqueológica.

#### ÁREA 4 (AP-CA-18)

Esta área compreende uma estrutura megalítica de grande porte, inserida no topo plano de uma colina que mede, aproximadamente 150 m x 80 m de diâmetros. A estrutura megalítica possui um formato aproximadamente circular/elipsoide, cujo diâmetro máximo é de 30 m, sendo formada por um círculo de megálitos dispostos em posições horizontais, verticais e inclinadas. Também é possível verificar uma área aberta da estrutura na direção sudeste, sendo uma espécie de “entrada” para o círculo de rochas. As poucas pedras encontradas neste local estão claramente deslocadas de sua posição original. Tal entrada está direcionada

para o nascer do sol, e pode indicar mais uma das relações astronômicas deste círculo megalítico como veremos a seguir.

Ao entrar no centro da estrutura, é possível perceber uma clara diferença na constituição dos blocos rochosos nas direções norte e sul. Ao norte, os blocos são de menor porte (maior bloco com 2,2 m) e aparentemente mais frágeis, restando hoje em dia apenas 4 blocos em pé. Durante o mapeamento, foi possível perceber que outros três blocos estavam em posição vertical ou inclinada, mas se encontram hoje tombados. De suas posições originais, sobraram apenas as bases, ainda perceptíveis junto ao solo. Nota-se, portanto, que no lado norte a preservação dos blocos é pior, com uma maior quantidade de placas fragmentadas e deslocadas do que no lado sul.

Ao sul, além da melhor preservação, os blocos são monumentais, com três grandes conjuntos de blocos em pé, alguns sustentando outros, além de três outros grandes blocos que se encontram isolados. O maior bloco no lado sul mede 3,2 m de altura acima do solo.



AP-CA-38: Diferença no tamanho dos monólitos entre os dois lados da estrutura. À esquerda: lado sul. À direita: lado norte.

A opção pelas áreas a serem escavadas ocorreu a partir das informações obtidas através de uma prospecção geofísica aliadas às observações da equipe em campo sobre a disposição dos blocos de rocha e de material arqueológico durante as escavações. Nesse sentido, houve especial interesse em abrir áreas que respondessem a diferentes questões sobre o sítio, tais como: Que atividades foram realizadas no interior da estrutura? De que forma as anomalias detectadas na geofísica correspondem a estruturas arqueológicas? Como a estrutura foi construída? Há diferenças na deposição de material ao longo da estrutura? Como os blocos foram fixados no solo? Qual a relação entre blocos de rocha e poços funerários? O resultado foi a escavação de duas áreas com contiguidade interna, com características bastante diversas, inclusive dentro de uma mesma área.

As escavações iniciaram em uma área de 15 m<sup>2</sup> na porção Sudoeste da Área 1, no interior da estrutura circular de blocos de rocha, onde havia poucos blocos em superfície. Esta área havia sido indicada com alto potencial pelos estudos geofísicos.

Logo nas primeiras quadrículas abertas, a alta densidade de fragmentos cerâmicos chamou a atenção da equipe, com quadrículas em que o primeiro nível (0 -10 cm) tinha mais de 160 fragmentos plotados individualmente. Com o prosseguimento das escavações, e a expansão da área aberta, algumas microestruturas começaram a ser identificadas. Nestes casos, ao invés de as peças serem imediatamente plotadas e recolhidas, as estruturas eram evidenciadas, de forma a oferecer uma melhor visualização para sua compreensão. Apenas após evidenciarmos toda a estrutura, realizando os registros necessários, as peças eram recolhidas, seguindo a plotagem e numeração padrão.

O nível estéril nesta área inicial de 15 m<sup>2</sup> foi alcançado por volta de 30 cm de profundidade, com exceção do poço funerário localizado sob uma placa megalítica formatada de forma circular. Este poço foi escavado pelos construtores do sítio no solo natural, alcançando 1,90 m de profundidade.

A escavação então teve sua área expandida para sul, de forma a englobar parte dos conjuntos de blocos de rocha que formam a estrutura circular. Desta forma, foi possível realizar escavações em uma área que

atingisse tanto a porção externa quanto a interna da estrutura, além de oferecer informações sobre sua construção, sobre a forma como os megálitos foram colocados e fixados no solo.

Na expansão da malha para sul, começamos a trabalhar entre os blocos de rocha, havendo então uma preocupação em não fragilizar as estruturas, de forma a impedir qualquer movimentação dos blocos. Para tanto, as escavações nesta área atingiram apenas 10 cm de profundidade (apenas o primeiro nível artificial), permitindo uma boa visualização dos conjuntos de blocos de rocha e da forma como estavam articulados, além de oferecer uma amostra da dispersão de material na área. Entre os blocos, porém, foi retirado também o entulho natural, decorrente das ações climáticas, o que provoca a falsa impressão de que a escavação foi além dos 10 cm. De forma a melhor compreender como era feita a estrutura de fixação dos blocos de rocha no solo, optamos por escavar a base de um megálito que uma vez estava em pé, mas com o tempo se partiu. A escolha por não escavar os blocos ainda de pé se deu justamente para impedir qualquer movimentação que pudesse afetar a estabilidade e a própria posição em que se encontram hoje. A base escavada ofereceu dados muito interessantes sobre a fixação e o cuidado do posicionamento do bloco no solo. Nesta área, que atingiu duas quadrículas, a escavação avançou o solo natural, alcançando 70 cm de profundidade. A outra área de escavação com contiguidade está localizada mais ao Leste, no limite entre a estrutura circular e seu interior. A opção por escavar neste ponto se deu pelo interesse em testar a correlação entre grandes blocos de rocha deitados no solo e a presença de poços funerários. Como nesta área havia o maior bloco de rocha deitado do sítio, que decidimos investigar.

Nesta área, abrimos 12 m<sup>2</sup>, identificando um poço funerário justamente abaixo do grande bloco de rocha. Diferentemente da outra área escavada, aqui havia baixa densidade de material e os fragmentos eram menores. No interior do poço, porém, foram encontradas dez vasilhas completas e duas pouco fragmentadas, cuidadosamente arranjadas do fundo do poço até sua borda.

O poço funerário nesta segunda área foi escavado pelos construtores da estrutura no solo laterítico natural, alcançando a profundidade de

1,10 m. As quadrículas no entorno não chegaram a ser escavadas até o solo estéril, que tinha início entre 30 cm e 40 cm de profundidade.

Um dos principais problemas para a escavação na estrutura megalítica era compreender a forma de inserção dos blocos colocados em posição vertical e inclinada, de forma a saber não só como eles eram sustentados, mas também verificar a possibilidade de deslocamento de suas posições originais ao longo do tempo. Também procuraríamos evidências estratigráficas de possíveis deslocamentos, se ocorridos, de forma a tentar reconstituir a posição original.

Como um dos objetivos da pesquisa arqueológica no sítio AP-CA-18 era subsidiar a abertura do sítio para visitação, a escavação da base das rochas não deveria comprometer a estrutura megalítica, de forma a manter o sítio arqueológico na forma mais próxima possível da época de seu registro. Assim, procuramos trabalhar apenas bases *in situ* de rochas visivelmente tombadas. Desta forma, a escavação não abalaria a sustentação de rochas que ainda estão em pé. Para isto escavamos o entorno de uma base de um megálito que já estava tombado.



Base do megálito escolhida para escavação. Em destaque (circulado), o topo do bloco caído.

A área já havia sido escavada até 20 cm de profundidade, e havíamos encontrado uma estrutura de deposição de fragmentos cerâmicos junto à base dessa rocha. Tais estruturas de deposição, como verificamos em todos os megálitos escavados, parecem tratar-se de depósitos cerimoniais, uma forma de oferta aos megálitos. Na maior parte das quadrículas no entorno, a camada estéril de laterita tornava-se evidente, com

exceção da área no entorno imediato do bloco, que ainda possuía um sedimento mais fino contendo fragmentos cerâmicos e placas menores de granito. Com a escavação dessa estrutura, foi possível compreender que este sedimento diferenciado se referia à fossa escavada (alvéolo) para inserção do monólito.

Mais a sul desta base escavada, foi encontrada a base de uma outra pedra caída, permitindo a reconstituição de, pelo menos, duas rochas que originalmente estavam em pé na área. Originalmente elas eram levemente inclinadas para oeste, direcionadas de norte a sul. No entorno delas, aos 20 cm de profundidade, foi localizado o solo natural, formado por laterita. Onde não havia a laterita parecia haver a borda da fossa escavada para inserção das rochas colocadas em pé. Junto da borda, havia pequenas placas de granito e fragmentos cerâmicos que mergulham na direção dessa fossa.

Primeiramente, foi escavada uma quadrícula na parte norte do bloco a ser escavado. Foi observado novamente nesta quadrícula uma lente de laterita localizada a oeste de uma rocha, associada a placas de granito menores. Blocos de laterita e placas de granito colocadas a oeste sugerem um apoio para sustentação da pedra em pé.

Na sequência foi aberto o nível 20 - 30 cm da quadrícula a norte da base. A ideia principal foi abrir uma pequena trincheira, medindo 2 m x 1 m no entorno da base de rocha, a fim de entender a estrutura de sustentação, o tamanho da fossa para inserção dos monólitos e o quanto eles se aprofundam abaixo do solo.



Detalhe da estrutura de sustentação do monólito no nível 20-30 cm com blocos de laterita e placas de granito inseridas na fossa de forma a manter o bloco em um ângulo específico.

No nível 20 – 30 cm, foram notados grandes blocos de laterita e placas de granito sustentando a rocha. No entorno de grande parte da trincheira neste nível já se percebia que ele era estéril, formado principalmente por laterita. A exceção é no entorno da base do monólito caído, onde foi delimitado o alvéolo para inserção do megálito. Foi notado que a fossa escavada para inserção não é muito maior que a base de sustentação, estando a, no máximo, 15 cm de distância do bloco. A “folga” entre a borda da fossa e a rocha é então preenchida com blocos de laterita e pequenas placas de granito, de modo a sustentar o bloco maior em pé e em uma posição específica.



À esquerda: final da escavação da trincheira no entorno da base de bloco. À direita: detalhe da estrutura de sustentação do bloco ao final da escavação.

Aos 70 cm de profundidade, foi encontrada a base do megálito colocada diretamente sobre a laterita consolidada, formando uma rocha compacta. Assim, a base da rocha se encontrava reforçada, não só pelas placas e blocos de laterita colocados como calçamento no alvéolo de sustentação, mas também pelo fato de a própria fossa de inserção ter sido escavada de modo a alcançar 20 cm abaixo da calaterita consolidada, oferecendo uma fundação mais estável para o bloco.

## POÇO 1

A estrutura que posteriormente seria denominada “Poço 1” começou a ser delimitada a partir de duas quadrículas, onde, no nível 10 – 20 cm, já podia ser notada uma grande densidade de fragmentos cerâmicos, incluindo uma vasilha quase inteira e um grande bloco de granito em posição horizontal, que possuía um formato circular, intencionalmente formatado através de lascamentos.

Por este motivo, decidimos deixar o material do nível 10 – 20 cm evidenciado, buscando visualizar de forma mais clara essa deposição. Além disso, optamos por abrir também as quadrículas mais quatro quadrículas ao norte para ter uma visão mais ampla desse entorno da rocha formatada.

Ao abriremos essas quadrículas, foi possível visualizar uma enorme deposição no entorno da placa de granito, formada por grandes fragmentos de cerâmica. Ao todo, a estrutura de deposição associada à placa media 3,49 m x 2,2 m de diâmetro. Esta deposição não parece ter sido feita com as vasilhas inteiras, que depois teriam se fragmentado. O que notamos é que os fragmentos são de vários vasos e parecem ter sido colocados já quebrados. Também observamos que existe uma correlação entre a presença de muita laterita (principalmente os blocos maiores que 5 cm) e esses aglomerados de cerâmica, como se se tivessem retirado os cacos de um local com muita laterita e depositado ali. Uma possibilidade levantada já de início é a reutilização de poços funerários, com a limpeza da deposição funerária original para uma nova deposição.

A maior deposição no nível 10 – 20 cm estava localizada a oeste e sul da placa. Ao norte, notamos uma área levemente deprimida e com menos quantidade de laterita misturada ao sedimento, para onde a deposição parecia estar “mergulhando” em direção ao nível 20 – 30 cm, o que também era indicado pela inclinação dos fragmentos cerâmicos neste ponto.

Após a plotagem e retirada individual das peças do nível 10 – 20 cm, movemos a pedra para fora da escavação.



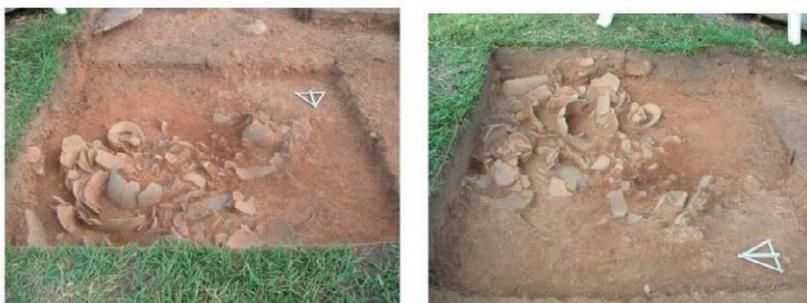
Visão geral da estrutura de deposição cerâmica no entorno da placa

Sem o bloco de rocha, iniciamos a escavação do nível 20 – 30 cm, quando ficou mais clara a diferença no solo ao norte da rocha, sendo então possível delimitar uma estrutura escavada na laterita (poço), de formato circular, medindo 1,6 m de diâmetro. No entorno, foi identificado claramente o substrato natural de laterita, já sem cerâmica, em oposição à parte do poço. Na parte interna da estrutura, havia uma grande densidade de fragmentos de cerâmica, sendo uma continuidade da deposição evidenciada no nível anterior. Deve-se ressaltar que a rocha não estava colocada exatamente sobre esse limite do poço, mas sim um pouco mais ao sul, apenas parcialmente sobre essa estrutura. Se tal bloco de rocha serviu como uma “tampa” da estrutura de poço (como referenciado na bibliografia; i.e. Goeldi, 1900), ela estava deslocada em relação à estrutura, o que reforça a hipótese de reutilização do poço para novos arranjos funerários.

A escavação ficou concentrada, então, nas quadriculas que cobriam o poço, permitindo a delimitação da estrutura escavada na laterita. Decidimos escavar apenas o interior da estrutura, deixando exposto o solo natural, o que permite identificar a forma original do poço. A estrutura ficou bem evidente nos níveis inferiores, de forma circular, preenchida com os vasos, notando-se que há algumas peças quase inteiras, mas também muitas fragmentadas, inclusive urnas antropomorfas.

Alguns fragmentos ósseos, situados na concavidade interna de uma vasilha que parece estar completa, ainda que muito fragmentada, foram encontrados. Os fragmentos tinham várias marcas da ação de fogo, in-

dicando sua cremação. Foi observado que os fragmentos ósseos estavam agrupados na região do pescoço de uma vasilha tombada de lado, dentro da concavidade interna que ficou mais próxima ao chão. A parte superior da borda já havia sido coletada em níveis superiores, na posição original (ou seja, com a superfície externa voltada para cima). Isso parece indicar que a vasilha foi jogada na estrutura ainda inteira, com os ossos dentro, misturados ao sedimento. Ao ficar tombada de lado, os ossos depositaram-se ao fundo. Após isso, ela foi sendo preenchida de terra, talvez já durante este mesmo evento, pois os fragmentos superiores da borda não caíram sobre os inferiores. A vasilha ficou apenas um pouco achatada, indicando que quando ela quebrou havia sedimento no seu interior, impedindo seu colapso. No mesmo nível foi encontrada outra concentração de pequenos fragmentos ósseos, também situados ao fundo de uma outra vasilha tombada de lado, situação semelhante à vasilha anterior. Desta vez, porém, havia fragmentos ósseos um pouco maiores.



Visão geral da delimitação do poço e da deposição de fragmentos cerâmicos no seu interior.

Até este nível escavado, notou-se que algumas vasilhas, apesar de fragmentadas, estão completas e preenchidas de terra. Isto parece indicar que elas foram jogadas (ou colocadas) dentro do poço inteiras, ou praticamente inteiras, e continham sedimento em seu interior ou foram preenchidas com o sedimento talvez já dentro da estrutura. Isto é bem interessante porque, lado a lado com essas vasilhas quase inteiras, notamos também a deposição de fragmentos, depositados já quebrados,

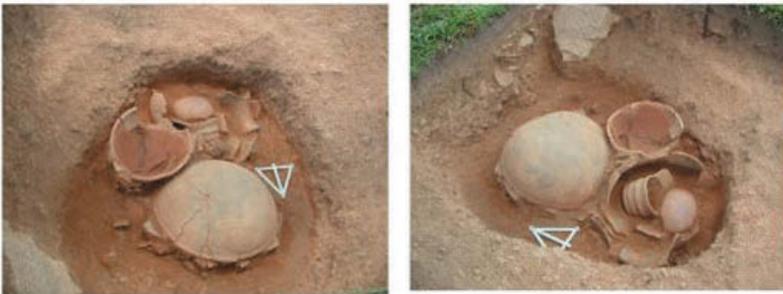
muitas vezes encontrados na escavação como se fossem camadas de uma cebola, amontoados.

Nos níveis 40 – 50 cm e 50 – 60 cm, foi encontrada uma estrutura formada por duas vasilhas com forma de tigela, uma emborcada sobre a outra, intencionalmente colocadas desta forma. Entre ambas as vasilhas havia um sedimento extremamente fino e sem laterita, contrastando com o sedimento que preenche o resto do poço, com muita laterita e uma granulação grossa. O fato desse sedimento no seu interior estar ainda isolado do sedimento do poço e também o fato de as duas estarem encaixadas uma sobre a outra sugere que elas não foram jogadas no poço, e sim colocadas lá dentro com algum cuidado. É possível que a vasilha de baixo tenha se quebrado com o peso das outras vasilhas depositadas sobre elas até entulhar todo o poço.

Lado a lado com esta microestrutura, outras vasilhas inteiras ou semi-inteiras estavam depositadas. Nota-se que há uma sensível diminuição na quantidade de fragmentos na parte inferior do nível 40 – 50 cm, com o aparecimento de vasos mais completos.

Nos níveis abaixo destas microestruturas, voltou a aparecer uma quantidade maior de fragmentos de cerâmica, em detrimento das vasilhas inteiras ou semi-inteiras que estavam sendo encontradas.

No nível 120 – 130 cm, a situação mudou. Houve diminuição na densidade de cerâmica e voltaram a aparecer grandes fragmentos de vasilhas semicompletas e grãos relativamente grandes de carvão vegetal. Houve um estreitamento do poço, na direção leste, o que indicava a proximidade do seu fim.



Vasilhas mais completas nos níveis 40-50cm e 50-60cm de profundidade.

No nível 150 – 160 cm, vasos inteiros apareceram, tendo diminuído sensivelmente a quantidade de cacos. O sedimento estava bem compacto, e notou-se um prolongamento do poço para norte e oeste, formando o início de uma câmara lateral.

Com o rebaixamento do nível 160 – 170 cm, foi iniciada a escavação da câmara lateral do poço funerário, onde foram encontradas três urnas inteiras, todas com pintura vermelha. Com esta escavação, foi possível identificar o final do poço, com uma pequena câmara orientada para noroeste. As três vasilhas inteiras estavam colocadas uma ao lado da outra, formando um triângulo, todas no mesmo nível, depositadas com cuidado nesse local.

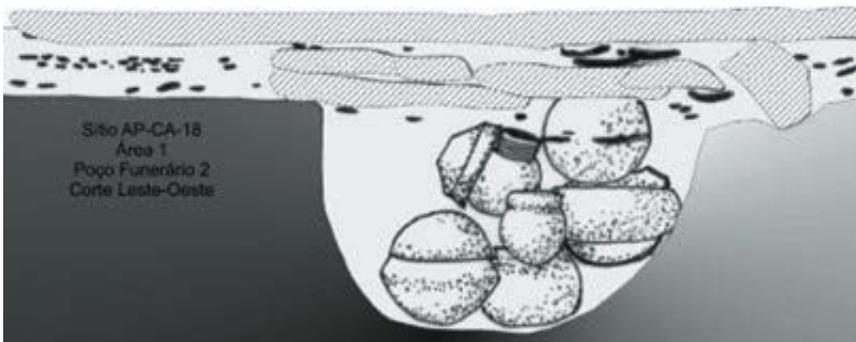
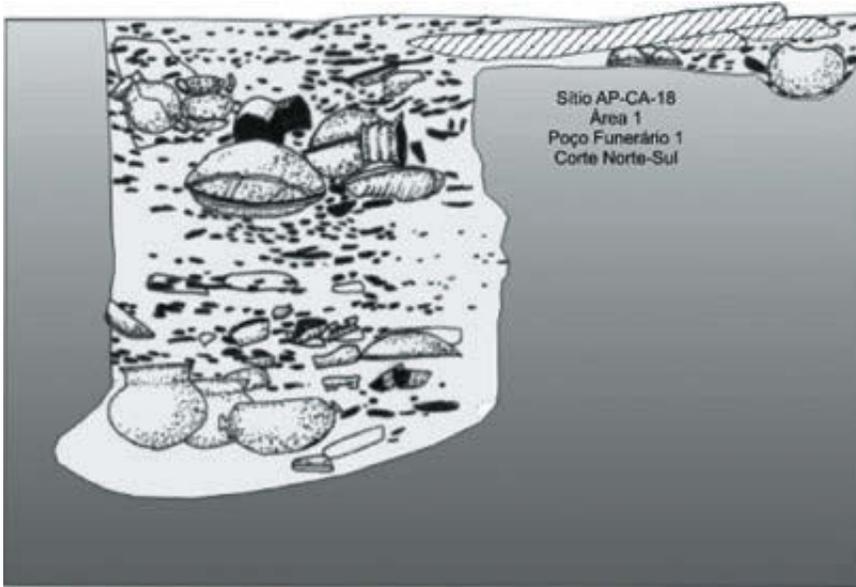


No Poço 1, aos 170 cm de profundidade, a situação das três vasilhas depositadas na câmara lateral.

Nos níveis da base do poço, desde o ponto em que as bordas das vasilhas inteiras começaram a aparecer, apenas raros fragmentos cerâmicos estavam misturados ao sedimento. Abaixo da base das vasilhas, havia ainda aproximadamente 20 cm de sedimento também com raros cacos, além de uma placa de bloco de rocha, até alcançar a base original no poço.

Isso parece indicar que as vasilhas não foram colocadas logo após a escavação da estrutura. Isso reforça a hipótese de que o poço, da forma como o encontramos, seja uma reutilização. Originalmente, então, talvez houvesse uma situação semelhante ao poço do Monte Curu – Cunani (Goeldi, 1900), com vasilhas inteiras depositadas ao fundo. Então, te-

ria havido uma abertura desse poço. Deste contexto primário as urnas seriam retiradas, e uma nova utilização seria feita, com a deposição dessas três vasilhas inteiras ao fundo e o posterior entulhamento do poço, inclusive com urnas antropomorfas quebradas com fragmentos ósseos no interior.



Perfis mostrando as deposições nos poços 01 (alto) e 02 (abaixo) do sítio AP-CA-18

## POÇO 2

A área onde posteriormente foi delimitado o Poço 2 está localizada junto a uma grande placa de granito em posição horizontal, que media 3,4 m x 2,6 m, junto a um conjunto de megálitos em pé. A hipótese era de que esta rocha servia também como uma possível tampa de poço funerário, semelhante à que havíamos escavado anteriormente (Poço 1). Foi delimitada uma área de 4 m x 2 m, que cobria totalmente a placa de granito.

Foi notado que, nos primeiros 10 cm, o depósito era diferente daquele encontrado na escavação do Poço 1, principalmente devido à menor densidade de cerâmica e à pouca espessura da camada arqueológica (aproximadamente 20 cm no entorno da placa). Em comparação com a densidade de cerâmica encontrada anteriormente no Poço 1, foi levantada a hipótese de que, se neste local existisse um poço, ele seria pouco ou não reutilizado, sem cerâmica concentrada no entorno da “tampa” como no caso do primeiro poço.



À esquerda: grande placa de granito antes da escavação. À direita: a mesma placa depois de rebaixados 10 cm de profundidade.

A escavação do nível 10 – 20 cm das quadrículas localizadas abaixo da placa de granito removida já permitiu observar uma área levemente circular delimitada por placas de granito, possivelmente relacionadas à abertura de um poço. Entre as placas, foram encontrados grandes fragmentos cerâmicos, sugerindo talvez duas vasilhas quebradas no local.

Como a maior parte da área aberta já se encontrava no nível estéril por volta dos 20 cm de profundidade, as escavações foram concentradas apenas nas quadrículas 107/93, 107/94, 108/93 e 108/94, onde foi delimitada a estrutura circular formada pelas placas e fragmentos cerâmicos, rebaixando o nível 20 – 30 cm. Aos 30 cm de profundidade já era possível evidenciar o solo laterítico estéril no entorno da estrutura de rochas.



Placas de granito formando uma área levemente circular no nível 10-20 cm.

Após retirarmos todas as placas de granito, no nível 40 – 50 cm, que formavam esta estrutura abaixo da grande laje, foi possível delimitar a borda de uma estrutura circular escavada na laterita, em cujo interior já era possível identificar as bordas de duas vasilhas cerâmicas, que pareciam estar inteiras. O limite entre a borda do poço e seu posterior preenchimento com sedimentos e vasilhas foi extremamente difícil de delimitar no princípio da escavação. Isso ocorreu principalmente devido ao fato de que o sedimento de preenchimento continha uma grande quantidade de laterita, o que o tornava muito semelhante à parte superior da borda do poço, escavado pelos ameríndios em laterita desagregada. Entretanto, à medida que aprofundávamos os níveis a delimitação se tornou mais clara.



A borda do poço e as vasilhas cerâmicas evidenciadas no nível 50-60 cm.

Já no nível 50 – 60 cm, foi possível liberar uma tigela localizada junto à parede sul do poço. Conseguimos, escavando este nível, também evidenciar uma grande tigela com borda incisa. Ao todo, quatro vasilhames já apareciam no nível 60 – 70 cm.



Nível 60-70 cm do poço 2, com a exposição de mais vasilhas inteiras e alguns fragmentos.

Após a retirada destas quatro vasilhas no nível 70 – 80 cm, outras quatro surgiram nos níveis de baixo, uma delas com uma tigela emborcada servindo de tampa. Uma outra tigela carenada estava caída ao lado de uma grande vasilha. É possível que também fosse uma tampa deslocada durante o fechamento do poço, ainda que outra vasilha do mesmo tipo tenha sido encontrada em posição semelhante neste mesmo poço. Também encontramos ao lado de uma das vasilhas grandes um fragmento de machado polido em “pedra verde”.

A tampa que cobria uma das vasilhas quebrou-se, permitindo a observação da vasilha maior. No seu interior, havia um sedimento preenchendo cerca de 3/4 do vaso. No topo, este sedimento era avermelhado, enquanto abaixo ele era mais cinza, contendo pequenos ossos calcinados. Não escavamos este sedimento, que ficou no interior da vasilha até o laboratório, seguindo um procedimento padrão utilizado em todas as vasilhas completas encontradas.

No nível 100 -110 cm, foi notado que as paredes do poço já se inclinavam para o fundo, não havendo, portanto, uma câmara lateral. Retiramos, então, as últimas vasilhas depositadas no fundo do poço, realizando a limpeza e a topografia da estrutura, identificando um fundo côncavo.



Final da escavação do poço 2 com a exposição das vasilhas depositadas na sua base.

Esta era uma estrutura absolutamente diferente do poço 1, escavado anteriormente, com as peças colocadas com cuidado, umas sobre as outras, sem quebrá-las. A quantidade de fragmentos também é muito menor do que encontrado dentro e no entorno do poço 1. Assim, as observações realizadas desde o início da escavação (como pouca deposição de cerâmica nas áreas externas do poço, pouca cerâmica misturada no sedimento, e vasilhas colocadas inteiras dentro dele) contrastam fortemente com a situação encontrada no poço 1 (onde havia uma grande deposição de fragmentos, urnas funerárias com ossos remexidos e quebradas nos níveis superiores, e deposição de poucas vasilhas inteiras no fundo). Estas observações sugerem que o poço 2 é uma estrutura não reutilizada, ou seja, ele foi construído, as vasilhas foram depositadas e ele foi fechado, não sendo mais reaberto e mexido, como o poço 1.

### POÇO 3

O denominado “Poço 3” parece ter sido coberto por uma grande tampa, que se quebrou no meio, coberta por uma grande densidade de cerâmica que parece ter sido intencionalmente fragmentada sobre ele, em uma forma de oferenda. Esta deposição de cerâmica parece mergulhar em direção ao Poço 4, indicando contemporaneidade dos dois poços.

Logo depois fizemos a foto geral do nível 10 – 20 cm, com a ampla deposição cerâmica sobre o Poço 3, ainda não totalmente evidenciada. Em seguida, continuamos a escavação, fazendo a coleta dos conjuntos isolados antes de seguir o nível 20 – 30 cm. No nível 20 – 30 cm, foi possível realizar o registro do contexto da ampla deposição cerâmica sobre os blocos graníticos no “Poço 3”.



Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, visão geral dos Poços 3 e 4 (o Poço 3, no canto superior esquerdo, tem a deposição cerâmica sobre ele continuada em direção ao Poço 4). À direita, outra vista dos fragmentos cerâmicos cobrindo a tampa fragmentada do “Poço 3”.

Logo depois, demos início à retirada da ampla deposição cerâmica do Poço 3, além de dar continuidade na escavação do nível 30 – 40 cm no Poço 4. A deposição de cerâmica sobre a tampa granítica do Poço 3 chegava a ter 25 cm de espessura em sua parte mais grossa. Muitos fragmentos são, de fato, das mesmas vasilhas, indicando que elas foram quebradas e depois colocadas sobre os blocos. Porém, há também fragmentos únicos de algumas vasilhas, que nos colocam o problema de sua origem.

Após, demos continuidade na escavação do nível 30 – 40 cm no Poço 4 e nos entornos do Poço 3, apenas onde as placas de granito permitiam. As demais quadrículas (ou porções delas) já haviam alcançado o solo laterítico natural, já em camada estéril. Esta situação de camada arqueológica pouco espessa nas áreas não relacionadas aos poços repete o que já havíamos observado em escavações anteriores nesta estrutura megalítica (Cabral & Saldanha, 2007).

No nível 40 – 50 cm do Poço 3 foi possível retirar as placas de granito que serviam de tampa. Logo abaixo, não foram identificados fragmentos cerâmicos significativos que formassem estrutura de deposição. No entanto, no nível 60 – 70 cm surge um primeiro pote com tampa, na porção sul do poço. No nível 80 – 90 cm, juntamente ao pote encontrado anteriormente, foi possível delimitar outro pote com tampa, além de uma placa de granito depositada em posição horizontal.



Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, visão do Poço 3 após retirada de sua “tampa”. À direita, primeira vasilha completa identificada no Poço 3.

Após a retirada da placa de granito identificada no nível 80 – 90 cm, delimitamos várias urnas completas, todas com tigelas cerâmicas servindo de tampa, que mergulham para os níveis inferiores. Após a escavação e registro dos níveis em que estas foram encontradas, procedeu-se a retirada de suas tampas para acessar o conteúdo interno destas vasilhas.



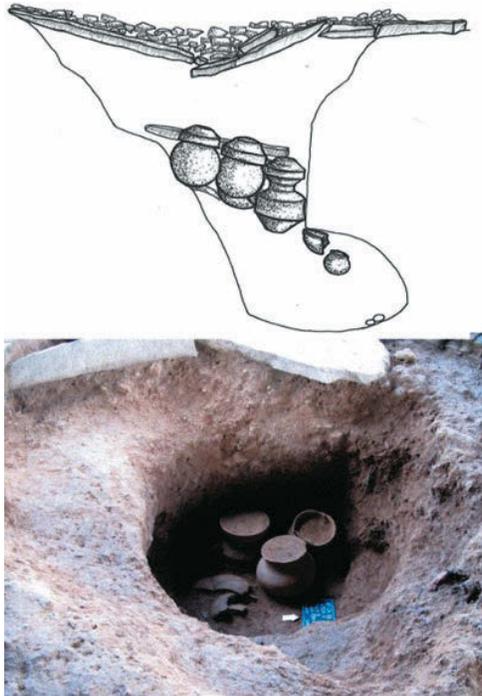
Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, placa de granito encontrada no nível 80-90 cm. À direita, urnas completas identificadas após a retirada da placa de granito.



Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, visão do Poço 3 no nível 100-110 cm. À direita, detalhe das urnas.

Após a retirada destas urnas, foi possível delimitar o início da câmara lateral do Poço 3, que se direciona para oeste. Na entrada da câmara foi colocada a metade de uma tigela, possivelmente para “fechar” a câmara. No nível 160 – 170 cm, após a retirada da tigela que fechava a câmara lateral, mais ao interior da câmara, foi localizado um pequeno pote cerâmico.

A câmara encontrava-se praticamente vazia após a retirada dos vasilhames mencionados acima. No entanto, no fundo do poço, junto ao canto noroeste da câmara lateral foram encontradas duas lâminas de machado. Estas lâminas não apresentam marcas de uso, sendo possíveis itens de prestígio. O Poço 3 alcançou, ao todo, 2,55 m de profundidade.



Perfil Poço 03 mostrando seu conteúdo

#### POÇO 4

O Poço 4, até o nível 10 - 20 cm, estava vazio, preenchido com um sedimento fino, sem laterita. Havia um bloco grande de granito no canto nordeste, inclinado para o interior do poço, possivelmente uma tampa.

No nível 20 - 30 cm, no seu limite sul, começou a aparecer uma vasilha inclinada, que estava completa. De início, por estar inclinada, não podíamos vê-la inteira. Nesta porção do Poço 4, outros fragmentos cerâmicos apareceram junto à parede do poço, além de um pequeno bloco granítico. Todos estes artefatos parecem se corresponder com a estrutura de deposição localizada sobre a tampa do Poço 3, conforme já relatado anteriormente. O que existe é uma continuidade da deposição sobre o Poço 3 em direção ao interior do Poço 4, indicando que a deposição deste material ocorreu enquanto a tampa do Poço 4 ainda estava exposta. Este é um indício de certa contemporaneidade entre eles.

Após a escavação da estrutura de deposição de cerâmica junto à parede de oeste do Poço 4, foi possível retirar parte da grande placa de granito que se encontrava sobre a parede leste, inclinada para o interior do poço.

Abaixo da placa foi possível delimitar a deposição de uma série de urnas funerárias que, por sua vez, foram depositadas sobre outra placa de granito, também inclinada para o interior do poço, que estava mais abaixo. Entre as urnas, duas tratam-se de exemplares de vasilhas antropomorfas típicas da fase Aristé. Esta deposição se aprofundava na direção sul, até o fundo de uma pequena câmara lateral.



Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, grande placa de granito sobre a parede leste do Poço, após a retirada da estrutura de deposição de cerâmica que se encontrava sobre ela. À direita, deposição de urnas funerárias encontradas abaixo da referida placa. Note que a placa estava fragmentada em três, decorrente de processos pós-deposicionais.



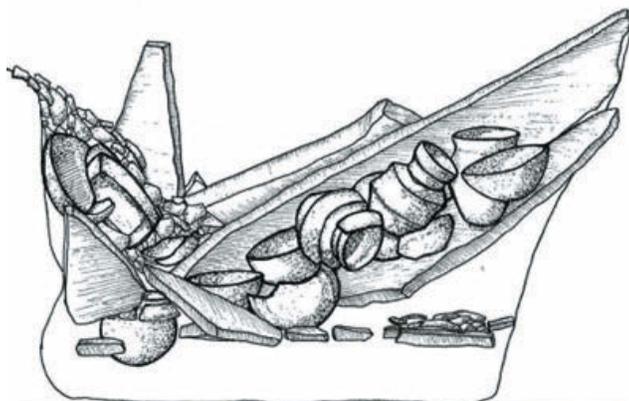
Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, continuidade da deposição de urnas. À direita, o final desta deposição, com urnas colocadas junto a uma pequena câmara lateral na direção sul do Poço 4.

Depois de retirar boa parte das urnas, foi possível remover a outra grande placa de granito que havia no Poço 4, que se encontrava abaixo das urnas. Abaixo desta placa delimitamos um piso formado por placas menores de granito. Sobre este piso, uma estrutura de deposição de fragmentos cerâmicos que parecem ter sido intencionalmente fragmentados a ali depositados.



Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, estrutura de deposição de cerâmica colocada sobre o piso de placas de granito. À direita, o piso delimitado.

O poço ainda aprofundou mais 30 cm após este piso, quando então foi encontrado o fundo do poço, na laterita. No sedimento que preenchia o poço abaixo do piso de placas de granito foram ainda encontrados, além de fragmentos de cerâmica, três contas de colar feitas em osso. O poço alcançou 133 cm de profundidade.



Perfil Poço 04 mostrando seu conteúdo

Concluindo, as escavações no sítio AP-CA-18 indicam que este círculo megalítico foi, ao longo do tempo, formado por diferentes tipos de evidências arqueológicas que evidenciam uma série de atividades. Estes eventos ocorridos no sítio podem ser assim descritos: episódios de abertura de fossas para inserção de monólitos em ângulos e alinhamentos específicos; diferentes tipos de deposição de cerâmica (deposições votivas sobre os poços ou sob o pé dos megálitos em pé); abertura de poços de diferentes tamanhos para deposição funerária e seu fechamento com blocos de rocha; reabertura destes poços e modificações do material no seu interior juntamente com novas deposições.

Assim, além de ser um cemitério, outros tantos tipos de deposição cerâmica no sítio indicam que a estrutura foi usada com múltiplas funções, ainda que todas relacionadas a cultos ou rituais.

As datações arqueológicas deste complexo cerimonial indica seu uso contínuo desde 1.100 até 300 anos atrás, um período de tempo muito longo, e as escavações confirmam que os círculos megalíticos têm histórias de vida complexas que duraram séculos, como evidenciado, por exemplo, pela reabertura dos poços.

As cerâmicas recuperadas do Complexo do Rego Grande apresentam uma série de estilos decorativos antropomórficos e policrômicos, típicos da fase Aristé. No entanto, a grande presença nos poços e em torno dos pilares megalíticos de outras tradições cerâmicas características de outras regiões como o sul do Amapá, oeste da Guiana Francesa e Suriname, como os estilos Hertenzitz, Barbakoeba, Thémire e Mazagão, pode indicar processos sociais complexos, como a agregação de grupos mais extensos que se reúnem em momentos específicos neste sítio para celebrações, indicando que, ao menos neste complexo cerimonial investigado, eram centros de agregação social extremamente importantes, interligando grupos de distantes áreas geográficas para festins nesses monumentos. Tal fenômeno foi documentado em contextos semelhantes em todo o mundo, onde monumentos tornaram-se centros de agregação, onde os festins rituais eram também motivos para o estabelecimento de importantes ligações sociopolíticas, comerciais e de casamento (Adriá, 2011; Parker-Pearson et al, 2011).

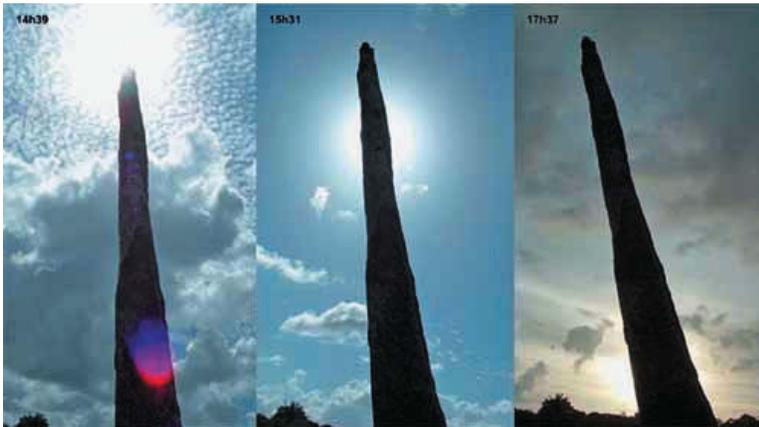


Diferentes estilos cerâmicos encontrados no complexo cerimonial Rego Grande. A esquerda as típicas urnas antropomórficas Aristé; À direita, parte superior, cerâmicas Koriabo, típicas das regiões montanhosas do interior; À direita, segunda linha de fotos, cerâmicas Themire, especialmente localizadas ao redor de Caiena na Guiana Francesa; À direita, terceira e última linha de fotos, cerâmicas Hertenritz e Barbakoeba, típicas do norte da Guiana Francesa e toda a costa do Suriname. As fotos não estão em escala.

#### A ASTRONOMIA DO CONJUNTO REGO GRANDE

Juntamente com este rico contexto arqueológico apresentado acima, as estruturas megálíticas do Amapá também estão relacionadas com fenômenos arqueo-astronômicos. Como mencionado acima, esta é uma investigação em seus estágios iniciais, mas os dados são positivos o suficiente para propor o uso de tais locais como marcadores temporais ou observatórios astronômicos. Existem pelo menos duas correlações feitas até agora entre a localização das pedras e o solstício de dezembro, ambas observadas no sítio do Rego Grande (estrutura principal). A inclinação de um bloco em direção ao sul forma um ângulo perfeito

com a posição solar durante a tarde do solstício (a partir das 14h até o pôr-do-sol), de modo que tanto o norte quanto o sul são iluminados ao mesmo tempo e não mostram sombras. Este alinhamento entre sol e bloco neste momento solar específico reforça interpretações sobre a colocação cuidadosa das pedras megalíticas no solo de acordo com o conhecimento prévio, e de que não estão nessas posições por acaso.



Na madrugada, no mesmo período (solstício de dezembro), pode-se observar outro alinhamento de dois blocos e o sol. À medida que o sol nasce, ele aparece exatamente no ponto onde as partes mais altas destes dois blocos estão alinhadas, reforçando interpretações de que o posicionamento dos megálitos procurou permitir a observação nascer do sol durante o solstício.



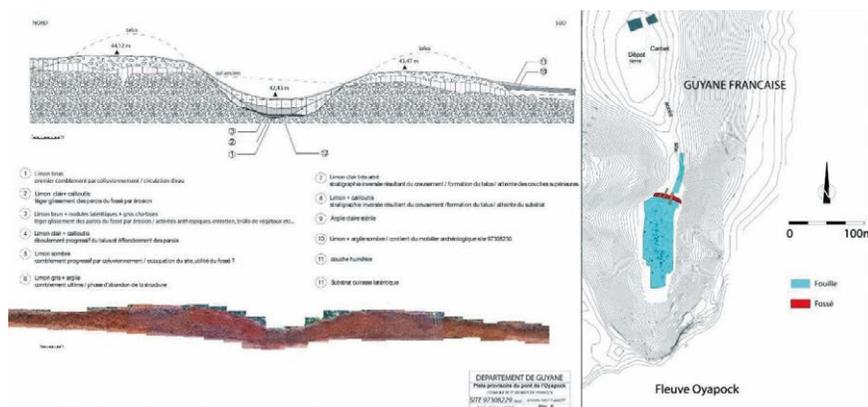
Deve-se considerar que o conhecimento astronômico é difundido entre muitos povos ameríndios (Green & Green 2006; Campos 2006), oferecendo rico suporte para estudos posteriores. Portanto, não nos surpreende o fato de os antigos povos indígenas possuírem conhecimento astronômico. É a solidificação deste conhecimento em algo concreto e duradouro que verdadeiramente proporciona algo novo. Abre novas possibilidades para o estudo do conhecimento antigo sobre astronomia, ampliando a compreensão das relações dessas pessoas com o céu, talvez não apenas como um marcador temporal, mas também como um marcador espacial (após observações entre os povos Palikur vivos [Green & Green 2003]). A paisagem (paisagem), nesse sentido, também deve estar relacionada com a paisagem do céu (skyscape).

## 2

# OUTROS MONUMENTOS PRÉ- -HISTÓRICOS NO AMAPÁ OS CEMITÉRIOS DELIMITADOS POR FOSSOS

Junto à fronteira do Amapá com a Guiana Francesa os trabalhos de Mickael Mestre do Institute National de L'Archeologie Preventive (INRAP) verificaram a existência de poços funerários semelhantes aos encontrados nos megálitos, mas, neste caso, estes não foram delimitados por rochas, mas sim por fossos profundos.

Uma escavação em arqueologia preventiva no sítio Pointe-Morne, relacionada com o projeto de construção da ponte binacional Brasil-França sobre o rio Oiapoque, descobriu pela primeira vez poços funerários na Guiana Francesa (Mestre e Hildelbrandt, 2011). A descoberta, no entanto, mostrou uma originalidade do sítio, pois a área do cemitério com poços estava delimitada por um fosso.



Sítio Pointe Morne: perfil estratigráfico do fosso (à esquerda) e plano topográfico da implantação do sítio (em azul) e do fosso (em vermelho).  
Imagens cedidas por Mickael Mestre.

Pointe-Morne se configura enquanto um sítio no topo de uma colina alta junto ao rio Oiapoque, delimitada por fortes pendentes nas suas porções sul, leste e oeste. Ao norte, no entanto, uma configuração topográfica suave permite uma conexão desta colina com outras que margeiam o rio e com o interior do território. Neste local foi construído um fosso retilíneo, medindo 30 m de comprimento no sentido leste-oeste, largura de 3,5 m e profundidade de 2 m. A datação obtida no fundo do fosso forneceu um resultado de 1.100 anos atrás (Mestre, 2006).

O conjunto funerário localizava-se em uma área centralizada da colina, sendo caracterizado pela presença de 4 poços distribuídos em uma área de cerca de 10 m x 10 m. Outras estruturas mais simples estão associadas, tais como buracos de poste, fossas com vasos cerâmicos, o que revela que, como no caso dos megálitos, outras atividades estão conectadas com o conjunto funerário.

Os poços são de diferentes tamanhos e profundidades, mas são sempre formados por uma fossa de acesso vertical e uma câmara lateral que era voltada para o leste, onde a maior parte dos conjuntos funerários foram encontrados. Como nos megálitos, as escavações dos poços mostraram que estes testemunham uma história bastante dinâmica e complexa. Enquanto alguns estão bastante intactos, com sua configuração de urnas completas na câmara lateral, outros encontram-se já bastante remexidos e contendo uma grande massa de urnas fragmentadas.



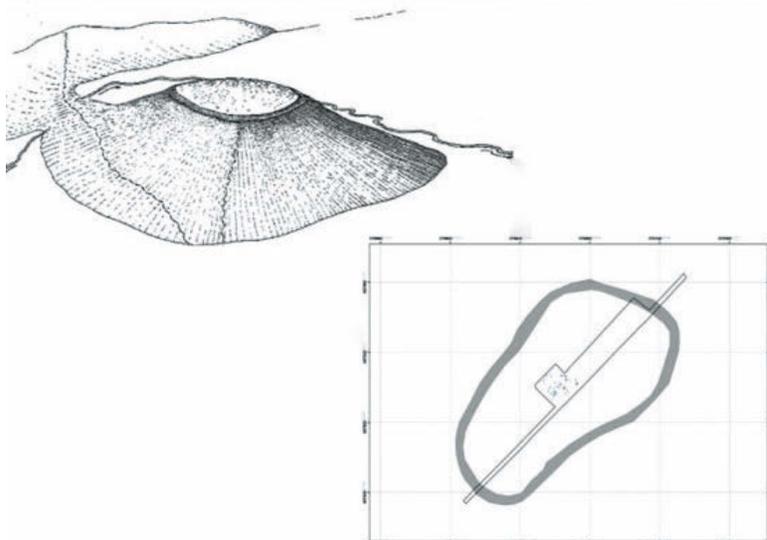
Sítio Pointe Morne: Acima conteúdo intacto de poço.  
Abaixo, poço já remexido. Fotos INRAP.

Em um caso, uma urna antropomorfa foi intencionalmente esmagada através do gesto de jogar uma grande rocha sobre ela. As remontagens realizadas em algumas urnas demonstram também a falta de alguns fragmentos no conjunto artefactual escavado, o que pode ser considerado como uma evidência de que não só a fragmentação foi feita fora dos poços, mas que, por algum motivo, partes das urnas foram intencionalmente separadas do seu conjunto principal. Destaca-se a falta das cabeças de algumas urnas antropomorfas, semelhante ao que foi verificado no sítio AP-CA-18 (Cabral e Saldanha, 2008) e nos poços do Cunani (Goeldi, 1905). As datações obtidas mostraram um uso consistente do cemitério desde 900 até 500 anos atrás.



Sítio Pointe Morne. Acima urna intencionalmente fragmentada por uma rocha laterítica. Abaixo, urna antropomorfa remontada faltando fragmentos que fariam parte do rosto. Fotos INRAP.

Outra necrópole com poços delimitados por um fosso é denominada Montagne Fortunat-Kapiri. Este sítio localiza-se no topo de uma colina junto ao rio Approuague, a cerca de 50 km em linha reta de Pointe Morne, e tem sido foco de pesquisas sistemáticas de Mickael Mestre (Mestre, 2013; 2015).



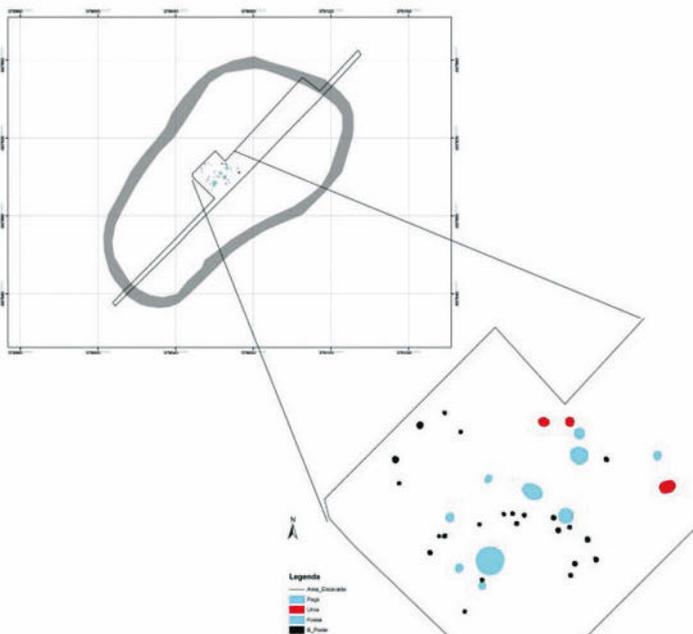
Fortunat Kapiri. Acima, representação artística do sítio delimitado por fosso na paisagem (Mazière, 1997). Abaixo, os limites do fosso (em cinza) e as áreas já escavadas no sítio (modificado de Mestre, 2015).

Em um primeiro momento as escavações estiveram focadas em compreender a formação do fosso circundante. Verificou-se que os preenchimentos do fosso não eram iguais por todas as áreas escavadas. Na escavação do setor nordeste havia uma grande densidade de fragmentos cerâmicos, enquanto no setor sudoeste os sedimentos eram estéreis. As datações realizadas mostraram que o fosso teria sido construído entre 1000 e 800 anos atrás (Mestre, 2013).

Posteriormente escavações foram concentradas em compreender o interior do recinto formado pelo fosso através de escavação mecânica de cerca de 1 ha de área. Apesar da grande área escavada, os trabalhos mostraram um espaço literalmente vazio no interior da área circundada pelo fosso. O centro do recinto, entretanto, apresentou diversas estruturas bastante concentradas em uma área de cerca de 15 m x 15 m. Tratava-se de poços e fossas contendo urnas funerárias Aristé, algumas com apliques antropomorfos e pinturas policrômicas. Concentrações de buracos de poste conformavam áreas circulares no entorno destes poços

funerários, o que parece indicar mais outra marcação física da área do cemitério, através de postes erigidos (Mestre 2015). Em conformidade com as escavações no sítio Pointe Morne, aqui também foi considerado que o fosso seria um marcador físico do limite simbólico da necrópole Aristé, função semelhante aos círculos megalíticos.

Fortunat Kapiri. Detalhe da distribuição das estruturas arqueológicas no centro do sítio. Em preto, buracos de poste; em poços funerários; em vermelho, urnas cerâmicas. Modificado de Mestre (2015).



Fortunat Kapiri. Detalhe da distribuição das estruturas arqueológicas no centro do sítio. Em preto, buracos de poste; Azul, poços funerários; em vermelho, urnas cerâmicas. Modificado de Mestre (2015).



Fortunat Kapiri. Poço com urna funerária antropomorfa Aristé.  
Abaixo a urna remontada. Fotos INRAP.

#### OS POÇOS FUNERÁRIOS E URNAS FUNERÁRIAS MARCADOS POR TRONCOS ERIGIDOS DA REGIÃO DE MACAPÁ

Macapá não é muito famosa por sua arqueologia, com exceção da imponente Fortaleza de São Jose de Macapá e achados esporádicos de urnas funerárias durante a abertura de valas de canalização de água na zona urbana. No entanto, apresenta uma riqueza enorme em sítios que, mesmo superficialmente não possamos perceber hoje, certamente eram monumentos para os antigos indígenas que habitavam a região.

O sítio denominado Curiaú Mirim é um deles. Localizado na área suburbana de Macapá junto à comunidade do Curiaú Mirim, tal sítio foi identificado inicialmente por moradores da comunidade através do achado de uma urna funerária ocasionada pela melhoria de um ramal de acesso à comunidade.

O sítio está implantado na borda de um terraço junto à ampla várzea do rio Amazonas e possui uma ampla extensão, medindo cerca de 400 m X 100 m de área. Escavações arqueológicas foram realizadas pelo Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do IEPA, e apesar de os trabalhos abarcarem apenas 10% do sítio, centenas de estruturas arqueológicas foram descobertas, algumas de extrema importância.

Quase 200 estruturas puderam ser caracterizadas como buracos de poste de antigas cabanas indígenas que existiam no local. Todos os vestígios destes postes apresentavam uma abertura arredondada e forma cilíndrica. O conjunto de buracos de poste em alguns casos parecem conformar cabanas de formato retangular.



Vestígios de esteios de cabanas no sitio Curiaú Mirim 1

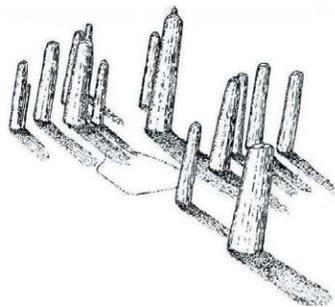
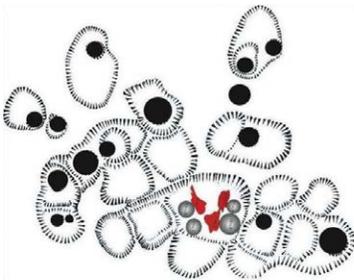
Outras estruturas negativas encontradas foram fossas e poços. As fossas e poços encontrados contabilizam 27 unidades. Elas são caracterizadas principalmente por uma forma circular, com fundo oval, e a relação diâmetro-profundidade é na ordem de 2-1, no caso das fossas, e 1-2, no caso dos poços. Seu preenchimento é escuro e areno-argiloso, contendo fragmentos cerâmicos, carvões e, em diversos casos, pequenos fragmentos ósseos de animais, carapaças de crustáceos de moluscos. Pelas análises até agora realizadas, trata-se possivelmente de locais para deposição de lixo derivado de festins rituais, devido à quantidade de cerâmica extremamente decorada, além de alimentos provindos de grandes distâncias, como moluscos de água salgada.

A maior, mais complexa e monumental estrutura encontrada é a denominada 42. Trata-se de uma complexa estrutura, medindo 7,5 m no sentido norte-sul e 6 m no sentido leste-oeste, sendo formada pela justaposição de, pelo menos, 13 fossas preenchidas com sedimento contendo carvão, pequenos blocos de laterita, cerâmicas bastante decoradas, lâminas de machado polido e restos de ossos de animais e conchas. O fundo destas fossas era marcado pela presença de grandes buracos de poste. A profundidade máxima alcançada por esta estrutura (não contabilizando a profundidade dos buracos de poste) é de 90 cm.

No interior desta estrutura, circundada pelas fossas com buracos de poste foi encontrado um dos mais complexos poços funerários já encontrados na Amazônia. Trata-se de um complexo arranjo funerário formado pela deposição de três urnas funerárias, uma delas com antropomorfa, uma vasilha de acompanhamento e três sepultamentos fora de urnas.



Sítio Curiaú Mirim, estrutura 42. Detalhe de arranjo funerário e o mesmo arranjo cercado por bolsões contendo negativos de poste no seu fundo.



Acima: Planta baixa de poço com o arranjo funerário (em cinza as urnas, em vermelho os sepultamentos fora de urnas) cercado por fossas contendo negativos de poste (círculos pretos). Abaixo, interpretação artística da estrutura com os postes ainda erigidos com suas sombras projetadas durante o entardecer do solstício de 21 de dezembro.

Neste arranjo funerário as urnas funerárias foram denominadas pelas letras A, B, C e D, enquanto os sepultamentos fora das urnas foram denominados pelos números 1, 2 e 3.

A urna A é uma vasilha com 15 cm de diâmetro, possuindo um banho vermelho na superfície externa. Sobre ela, servindo como tampa, foi evidenciada uma tigela com banho branco e traços de pintura policrômica. No interior da urna foram resgatados 1229 fragmentos ósseos bastante friáveis, dos quais 208 foram analisados por Gambin (2016). A análise mostrou que a urna encerrava restos de dois indivíduos, constatados pela presença de dois fragmentos de duas mandíbulas. Também foi constatado que os ossos do principal sepultamento na urna eram derivados de indivíduos de idade entre 9 meses e 1 ano e 4 meses.

A urna B é uma vasilha globular lisa com uma tigela carenada servindo como tampa. Dentro da urna foram identificados pelo menos dois indivíduos, um não adulto, pouquíssimo representado, e um adulto, com excelente representação óssea. Devido ao bom estado de conservação do crânio e da pelve, foi possível reconhecer o sexo do indivíduo principal sepultado na urna, tratando-se de uma pessoa do sexo feminino. Quanto à estimativa de idade, possivelmente tratava-se de uma mulher entre 19 e 24 anos, caracterizando-a como um indivíduo adulto jovem. Foi ainda identificada uma fratura cicatrizada no fêmur esquerdo, que ocasionou uma deformação na área de inserção muscular.

A urna C tratava-se de uma urna com formato cilíndrico e apliques antropomorfos como braços, pernas e genitália masculina, associada à uma tigela também com apliques antropomorfos, representando uma cabeça humana.

Tal urna antropomorfa representa um indivíduo sentado em um banco retangular com os braços cruzados sobre as pernas. Os pulsos e tornozelos possuem braceletes com perfurações e, no topo da cabeça, apliques triangulares parecem representar um cocar. Percebe-se um banho branco sobre os braceletes e tornozeleiras da urna, e uma pintura amarela sobre o rosto. Destaca-se o formato de grãos de café dos olhos, lóbulos das orelhas perfurados, queixo pronunciado, a representação da espinha dorsal e dois apliques em filete na nuca, talvez representando tranças. Esta urna, apesar de se encaixar no denominado “estilo

Caviana” (Rostain, 2011) possui bastante semelhança com uma estatueta tapajônica derivada de Santarém, mostrando contatos a longa distância destes grupos.



Urna antropomorfa C após reconstituição em laboratório. Foto gentilmente cedida por Mauricio de Paiva.

A escavação do seu conteúdo mostrou que os ossos do indivíduo aí sepultado foram pintados de vermelho e sua deposição seguindo algumas regras restritas, tais como a deposição dos ossos longos junto às

paredes, crânio na base da urna e demais ossos desarranjados sobre o crânio e no espaço formado pelos ossos longos.

Nesta urna somente um indivíduo foi sepultado. Quanto à diagnose sexual, tratava-se de homem, cuja idade estimada ficou entre 20 e 24 anos. O indivíduo era bastante robusto, com marcações musculares fortes. Atividades ocupacionais foram diagnosticadas neste homem, principalmente no braço e cotovelo, possivelmente relacionadas à lançamento de projéteis, podendo indicar que era um grande caçador, atividade de prestígio entre os grupos indígenas, por isso o tratamento especial no seu sepultamento (Gambin, 2016). Associado ao indivíduo sepultado foram encontrados um fragmento de dente de mamífero de grande porte (possivelmente anta) e uma plaqueta óssea de um tatu.

Em frente à urna C foi encontrada uma vasilha globular lisa (D) sem sepultamento, sendo esta possivelmente um acompanhamento externo da urna C.

No espaço arranjado entre as urnas foram identificados três conjuntos de ossos humanos que, pela aparência bastante constricta, deveriam, individualmente, estar envolvidos por recipientes orgânicos que se decomuseram (esteiras, redes...).

O conjunto 1, localizado à oeste da urna A, era formado por ossos longos e mandíbulas, alinhados no sentido norte-sul, e depositados sobre o crânio que se encontrava em posição lateral, com a face voltada para sul. Algumas características morfológicas do crânio permitiram associá-lo a um indivíduo feminino, cuja idade estimada ficou entre 15 e 20 anos.

O conjunto 2 encontrava-se empilhado e encostado a oeste da urna B e sudeste do conjunto 1. Ossos longos encontravam-se depositados a leste do crânio e da pelve. Gambin (2016), ao analisar as fotos do desmonte da estrutura em campo, sugere que alguns ossos se encontravam ainda em posição anatômica, o que indicaria que partes moles ainda não estariam totalmente decompostas na ocasião do sepultamento. Os caracteres morfológicos do crânio indicaram que se tratava de um indivíduo masculino, com idade entre 17 e 18 anos. Percebeu-se ainda alguns ossos com pigmentação vermelha (Gambin, 2016).

O conjunto 3 encontrava-se à leste do vasilhame D e oeste do conjunto 1. O crânio encontrava-se com a face virada para baixo, ao sul

do conjunto, enquanto ossos longos e fragmentos esponjosos foram encontrados ao norte. Foi constatado que os ossos dos membros inferiores estavam a leste, enquanto os dos membros superiores, associados com costelas, estavam a oeste. A posição dos ossos no conjunto fez com que Gambin (2016) sugerisse que este tratava-se de um sepultamento primário hiperfletido ou um sepultamento de um corpo ainda em decomposição. A segunda hipótese é reforçada pela presença de uma possível evidência de descarnação ativa, através de marcas de corte na tíbia (Gambin, 2016). Não foi possível realizar observações seguras quanto ao sexo, idade e processos patológicos a partir do crânio. No entanto, medidas realizadas a partir do fêmur e tíbia permitiram verificar que se tratava de um indivíduo masculino com idade entre 14 e 20 anos. Foram notadas marcações musculares bem-marcadas no fêmur e úmero direito (Gambin, 2016). Este complexo poço funerário foi datado, possuindo datas entre 1000 e 700 anos atrás, demonstrando que esta estrutura foi construída e utilizada por cerca de 300 anos.

As cerâmicas associadas a este monumento de madeira são extremamente decoradas e remetem aos estilos cerâmicos Marajoara, Ananatuba, Mazagao, Koriabo e, como já comentado, Tapajônico. Como no caso dos megálitos, essa confluência de estilos cerâmicos junto a um monumento remete a longas redes de troca e possível congregação de diferentes grupos vindos de áreas distantes para celebrações, estabelecimento de alianças e casamentos.



Fragmentos cerâmicos decorados e artefatos líticos polidos (à direita) associados à estrutura 42. Fotos de Alan Nazaré.

Outras estruturas funerárias identificadas foram os poços 1043 e 1053. O poço 1043 foi inicialmente identificado através de uma deposição elipsoidal de terra preta contendo fragmentos cerâmicos e algumas vasilhas quebradas, associados com rochas e terra calcinada, de conformação circular, característica de marcas de poste de madeira. O poço media 180 cm de diâmetro máximo e aprofundava-se até 60 cm a partir do nível de observação da estrutura. A maior parte das cerâmicas diagnósticas

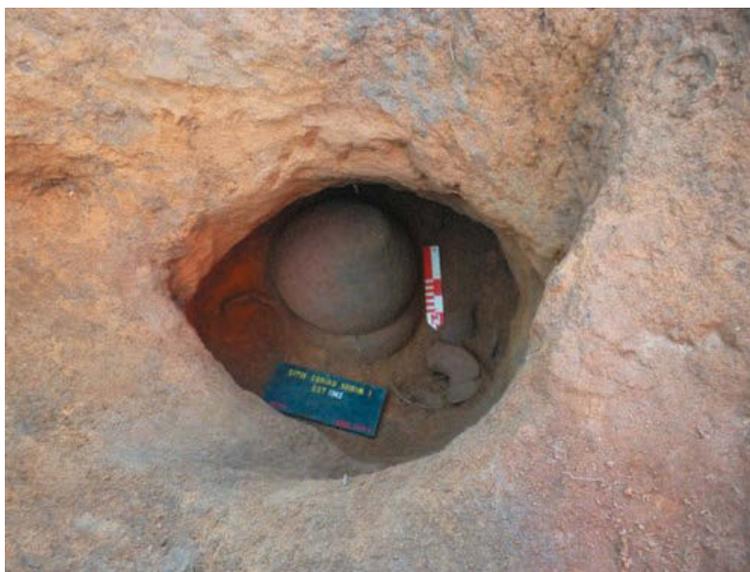
possuíam decoração e morfologia típicas da fase Mazagão. De 70 a 120 cm a terra preta e a densidade de artefatos diminuem gradativamente até chegar a uma câmara lateral, construída na parede sul do fundo do poço. Nesta câmara, que possuía 80 cm de altura, abertura de 90 cm e 70 cm de profundidade, foi encontrada uma grande urna funerária de formato de jarro globular com pescoço, com uma tigela emborcada servindo de tampa. No seu entorno, outros três jarros com pescoço e uma tigela, de tamanho bastante mais reduzidos que a urna funerária, foram encontrados.

O conteúdo da urna funerária foi escavado por Gambin (2016), que, além de ossos humanos, encontrou restos faunísticos e contas de colar. No interior da urna pelo menos quatro indivíduos foram sepultados, um neonato/perinato (entre 0 e 3 meses), um infante (entre 1 e 2 anos), uma criança ou adolescente (entre 5 e 15 anos) e um adulto jovem (entre 20 e 35 anos). O sexo dos indivíduos só foi possível avaliar para o adulto representado, tratando-se, possivelmente, de uma pessoa do sexo feminino. Neste indivíduo adulto foi possível verificar lesões ósseas relacionadas a atividades como levantamento de fardos pesados, corrida, natação, remo e arremesso de redes de pesca. Os ossos não apresentaram uma coerência na sua inserção dentro da urna funerária, parecendo que estavam todos misturados.



Contas de colar associadas a urna no poço funerário 1043. Foto de Gambin Junior.

Os restos faunísticos encontrados eram referentes à 3 conchas de gastrópode marinho (*Pugilina Morio*), uma concha de gastrópode de água doce (*Doryssa* sp.), ossos de um pequeno mamífero e fragmentos de carapaça de caranguejo. As contas de colar (271 no total) estavam aparentemente associadas com crânios dos indivíduos não adultos. De acordo com Gambin (2016) elas teriam sido confeccionadas em crinoides fósseis, cuja jazida possivelmente seja localizada a 300 km do sítio em questão, no baixo rio Tapajós, indicando trocas de longa distância. Além destas contas de colar, também foram encontradas três esculturas zoomorfas no interior da urna. Tais esculturas parecem representar um lagarto ou jacaré, uma ave, e um possível mamífero e teriam sido confeccionadas a partir de uma rocha calcária, talvez relacionada com as formações de mármore que ocorrem nas regiões de Serra do Navio e Jarí, no Amapá. O poço 1043 foi datado e indicou que o sepultamento foi realizado a mais de 600 anos atrás.



Deposições cerâmicas em poço da estrutura 1043.

Outro poço, denominado 1059, foi identificado como um poço de abertura elipsoide, medindo 370 cm de diâmetro no sentido noroeste-sudeste por 180 cm de diâmetro no sentido leste-oeste. Ele foi inicial-

mente percebido como uma grande mancha de terra preta contendo fragmentos cerâmicos e blocos de laterita, associado com uma vasilha inteira em sua borda leste. Como no caso anterior, a circularidade dos blocos de laterita sugerem ser vestígios de um poste de madeira erigido sobre o poço. A profundidade máxima alcançada foi de 130 cm. Dentro deste poço três câmaras funerárias foram localizadas.

À medida que íamos aprofundando a escavação, a terra preta e a densidade de artefatos diminuía gradativamente até chegar a uma primeira câmara lateral, construída na parede sul do poço. Esta foi denominada câmara A, sendo a mais alta em relação ao fundo da estrutura. Esta câmara possuía 60 cm de altura, abertura de 100 cm e 60 cm de profundidade e, em seu interior, foi verificada uma urna funerária com formato de jarro com pescoço, contendo uma tigela fragmentada como tampa. Como acompanhamento externo foram ainda encontrados um banco cerâmico de formato quadrangular com apliques e incisões típicos da fase Koriabo, bem como jarros com pescoço, estes de menor tamanho que a urna.

A urna possuía como tratamento de superfície uma faixa de engobo vermelho indo desde a borda até sua parte central. A tampa também tem uma faixa de engobo semelhante e parecem se corresponder na montagem do conjunto.

O conteúdo da urna foi escavado e analisado por Gambin (2016). Ele percebeu que os ossos longos estavam depositados em feixes encostados à parede da urna, com ossos dos pés e mãos, além das costelas na base. Um destaque foi dado para a falta dos ossos do crânio no interior da deposição. Pelo menos dois indivíduos foram percebidos na análise, um adolescente ou jovem adulto entre 12 e 19 anos e um adulto cuja idade não foi possível perceber. O sexo dos indivíduos também não foi possível averiguar devido ao péssimo estado de preservação dos ossos. Além dos ossos humanos foram encontrados três restos faunísticos, sendo eles os ossos de uma ave, de um pequeno mamífero e um dente de cutia.

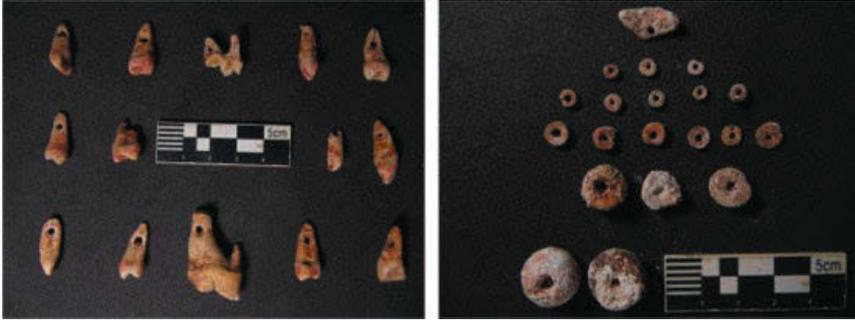
A câmara B localizava-se a 20 cm abaixo da câmara A, a cerca de 50 cm mais ao norte. Esta câmara foi escavada na porção sul do aprofundamento do poço, possuindo 50 cm de altura, abertura de 80 cm e 50 cm de profundidade e, em seu interior, foi verificada uma urna funerária

com engobo vermelho, associada com uma tigela emborcada servindo de tampa, além de um pequeno pote globular, depositado a oeste da urna.

O conteúdo da urna funerária foi escavado e analisado por Gambin (2016), que percebeu inicialmente que os ossos longos foram depositados na posição vertical junto à parede nordeste; o crânio, mandíbula e pelve, na porção oeste; e costelas, na porção leste. Quase todos os ossos foram pintados de vermelho, incluindo aí as articulações e dentes. No interior da urna pelo menos um indivíduo foi sepultado, possivelmente do sexo feminino e com idade entre 16 e 21 anos.

Por fim a câmara C localizava-se também no aprofundamento do poço ao norte da estrutura 1053, cuja câmara foi escavada junto à parede oeste. Tal câmara possuía 60 cm de altura, abertura de 70 cm e 80 cm de profundidade e, em seu interior, foi verificada uma urna funerária com engobo vermelho, associada a uma tigela emborcada servindo de tampa, além de dois potes globulares pequenos e um banco de formato circular com engobo vermelho e apliques. A deposição de ossos no interior da urna estava bastante desarranjada, sendo possível verificar alguma coerência somente junto da base do vasilhame. Gambin (2016) acredita que possivelmente os ossos estavam dispostos junto à parede oeste da urna e o crânio e outros ossos como pelve, escápula, clavícula, pés e mãos colocados à leste. No entanto, dada à fragmentação dos ossos, o conteúdo da urna pode ter sido remexido antes de sua deposição final no poço, incluindo aí uma possível quebra intencional de ossos longos.

Pelo menos dois indivíduos foram sepultados nesta urna, um infante e um adulto jovem. Não foi possível realizar a diagnose sexual ou estimar a idade do indivíduo adulto, no entanto, chamou a atenção o tamanho avantajado dos ossos deste indivíduo. A maior parte dos ossos deste indivíduo foram pintados de vermelho. Associado ao sepultamento foram encontrados 28 dentes humanos pintados de vermelho e 4 dentes de pantera onça, todos perfurados na raiz, tratando-se muito possivelmente de um colar. Outras contas de colar encontradas foram feitas em crinoide fóssil. O poço 1053 foi datado e foi construído há mais de 700 anos.



Poço 1059: À esquerda, contas de colar com dentes humanos e de onça. À direita, contas feitas com crinoides fósseis.



Deposições de urnas nas câmaras laterais do Poço 1053

Outro sítio monumental em Macapá encontra-se no interior do Campus da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Este sítio foi descoberto no final da década de 90, quando, através da abertura de valas para drenagem dos prédios da universidade, trabalhadores encontraram vasilhas cerâmicas enterradas. Na ocasião uma equipe do Museu Emílio

Goeldi foi chamada para realizar o resgate das peças expostas na vala aberta (Machado, 1997).

Desde então, o sítio permaneceu sem pesquisas. Uma primeira delimitação do sítio foi feita pela equipe do Museu Goeldi, a fim de que o sítio não sofresse impacto. No entanto, esta delimitação caiu no esquecimento e, atualmente, o sítio sofria diariamente com a passagem de veículos e pedestres na Universidade.

Entre 2008 e 2011 o Núcleo de pesquisas Arqueológicas do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA) celebrou um convênio com a Universidade Federal do Amapá para pesquisa arqueológica no interior do *Campus*. Durante este período pesquisamos o sítio AP-MA-05 através de sítios-escola, aberto aos estudantes universitários.

O sítio localiza-se a menos de 2 km do rio Amazonas, sobre terrenos terciários não inundáveis. As escavações revelaram que o espaço de ocorrência das estruturas funerárias era coberto por uma camada medindo entre 20 e 40 cm de laterita, trazida de outro local para ser ali intencionalmente depositada. O mapeamento da camada laterita mostrou que o sítio possui um pouco menos de 1 ha. Na área total escavada (105 m<sup>2</sup>, ou 1% do total da área do sítio), foram encontradas 31 estruturas antrópicas.

Estratigraficamente, o sítio comportava-se da seguinte maneira: uma primeira camada se mostrou formada predominantemente por blocos irregulares de laterita, medindo entre 2 a 50 cm de diâmetro máximo, e possuía, em média, 30 cm de espessura. Seguiu uma camada arenosa, cinza escura e extremamente compacta, com espessura média de 20 cm de profundidade. Esta camada posteriormente dava lugar a outra também arenosa e compacta, mas de coloração marrom clara. Era sobretudo no limite entre a primeira e a segunda camada que as estruturas arqueológicas começavam a ser delimitadas.

Estas estruturas foram inicialmente notadas, ao ultrapassar a primeira camada, como concentrações de laterita circulares, preenchendo espaços vazios. Ao se rebaixarem essas concentrações, notava-se que elas sempre cobriam vasilhas cerâmicas enterradas ou, em alguns casos, preenchiam fossas com ou sem fragmentos cerâmicos.

Desta forma, o processo de formação do sítio foi interpretado da seguinte forma: primeiramente, era escavada a fossa para receber a urna. Posteriormente a urna era colocada e, sobre ela, eram inseridas marcações da posição da urna, possivelmente postes de madeira. A área era recoberta por inúmeros blocos de laterita de tamanho variado, trazidos para esta área especialmente para este propósito.

Com o passar do tempo, o poste teria desintegrado, dando lugar às rochas migradas do topo da estrutura, que vão conformar as coroas de laterita situadas sobre as urnas funerárias.

Com os dados estratigráficos obtidos durante as escavações, em que foi observado que a camada de laterita recobre o sítio arqueológico, foi possível realizar a delimitação precisa da extensão de sua área. Assim, foram realizadas sondagens para esta delimitação. Ao todo foram feitas 44 sondagens de 30 cm x 30 cm, a fim de observar a extensão da camada de laterita. Estas sondagens demonstraram que o sítio possui um tamanho maior e uma delimitação diferente da proposta por Machado (1997). O sítio possui cerca de 1 ha de área.

A grande maioria dos artefatos recuperados no sítio encontra-se nas fossas, sendo compostos quase que exclusivamente de urnas funerárias. Em um caso foi constatada a presença de ossos humanos no interior de um vasilhame. Apenas duas lâminas de machados polidos foram encontradas, ambas relacionadas com as coroas de lateritas que recobrem as fossas de inumação.

Quase todas as cerâmicas presentes nas estruturas possuem uma homogeneidade na fabricação, contendo o mesmo tipo de pasta (cariapé) e queima (oxidante incompleta, com baixa temperatura). No entanto, existe uma grande heterogeneidade na morfologia (tigelas grandes, jarros com e sem pescoço, tigelas carenadas) e na decoração presente (incisões, excisões, pintura monocromática, pintura policromática, apliques antropo-zoomorfos). As datações obtidas situaram o uso do sítio entre 1000 e 600 anos atrás.



Sítio UNIFAP: Diferentes estilos cerâmicos. Acima, esquerda, urna Marajoara; À direita, urna Mazagão. Abaixo, esquerda, urna Ananatuba; direita, urna Arua.



Sítio UNIFAP: distribuição de urnas em um dos espaços escavados. O montículo de lateritas intencionalmente colocado sobre o cemitério pode ser notado na área rugosa na parte superior do perfil da escavação.

A maior parte das estruturas encontradas no sítio *campus* UNIFAP trata-se de fossas contendo vasilhas cerâmicas inteiras, com pelo menos uma contendo ossos humanos. Outras estruturas encontradas foram pequenas fossas preenchidas com laterita com ou sem fragmentos cerâmicos, além de evidências de buracos de poste, preenchidos somente com sedimento escuro. Dada a ausência de outras estruturas de caráter doméstico (fogueiras, lixeiras, concentrações de buracos de poste) e de uma camada arqueológica com mais artefatos, o sítio trata-se, certamente, de uma área unicamente funerária.

Outro ponto interessante a ser ressaltado é o espaçamento regular das urnas no espaço e a não ocorrência de sobreposição de estruturas em um mesmo local. Isto implica necessariamente uma marcação visível em superfície da existência das estruturas enterradas abaixo do solo, de modo que novas deposições não afetassem materiais já depositados. Estas marcações seriam, certamente, realizadas com materiais perecíveis, possivelmente postes de madeira. É bastante plausível, assim, que não só as fossas preenchidas com laterita e os buracos de poste encontrados entre as estruturas sejam evidências destas marcações superficiais, mas também as coroas de laterita encontradas sobre as urnas. Uma vez decomposto, o poste de madeira com o passar do tempo depois do abandono do sítio, seu espaço seria reocupado pela migração de lateritas da camada superior, conformando assim as fossas preenchidas por rochas e as coroas com laterita sobre as urnas.

Toda a área deste antigo cemitério indígena não só foi modificada por estas sinalizações sobre as estruturas, mas foi ainda intencionalmente marcada pela deposição de um montículo de laterita, trazida de outro local para ser ali depositada.

Por fim, deve ser destacada a alta diversidade nas formas e decorações da cerâmica encontrada na área escavada. Estas diferentes formas e decorações encontradas remetem a diferentes estilos cerâmicos conhecidos para a foz do Amazonas, descritos por Meggers e Evans, (1957) como fases Aruã, Mazagão, Ananatuba e Marajoara. O significado da aparente contemporaneidade, em um mesmo sítio, destes diferentes estilos cerâmicos é algo que deverá ainda ser mais bem explorado no futuro, mas vai de encontro com estudos mais recentes que colocam

em xeque a visão estanque das fases e tradições criadas através das abordagens tradicionais (Cabral, 2011; Schaan, 2007).

Desta forma, a escavação revelou que o sítio se tratava mais do que meramente um local de deposição de urnas, e que os grupos pré-históricos que o utilizaram modificaram de tal forma a paisagem para demarcar este espaço cerimonial, que o sítio, em sua época, deve ter sido monumental, mesmo que hoje superficialmente não possamos perceber.

## CONCLUSÃO

A criação de monumentos – marcos conspícuos que servem para criar e preservar memórias, valores e identidades – é considerada um sinal de uma grande mudança cultural. As primeiras interpretações sobre a monumentalidade invocavam que tal mudança cultural aconteceu numa altura em que um aumento nos sistemas de produção alimentar, que poderiam suportar densidades populacionais mais elevadas e fornecer excedentes regulares, levou à acumulação de riqueza e à estratificação social. Neste cenário, onde a desigualdade aumenta, as elites mobilizariam o trabalho, controlariam os rituais e convenceriam as pessoas a investir em projetos monumentais, a fim de promover e divulgar o seu poder.

Pesquisas mais recentes, no entanto, conseguiram mostrar que a mudança social pode ser derivada de diferentes trajetórias e contextos, como em populações de baixa densidade de caçadores-coletores e agricultores, e que a monumentalidade pode desempenhar um papel na promoção de hierarquias e de políticas corporativas e competitivas.

Os monumentos megalíticos na Amazônia oriental foram criados num contexto de grupos semissedentários. Isto poderá contribuir para desenvolver discussões a nível mundial com novas perspectivas sobre as relações entre monumentalidade, expressão comemorativa, memória social e complexidade social. Os grupos associados à construção desses monumentos megalíticos baseavam-se num modelo económico convencionalmente denominado “policultura agroflorestal”. Tal modelo económico é um tipo de prática agrícola que consiste no cultivo de várias espécies na mesma área, seja de modo simultâneo, seja em sequência, aliada à exploração de frutos advindos de florestas antrópicas. A atividade é o oposto da monocultura, técnica de cultivar uma única cultura em grande escala.

No caso do Amapá, a monumentalidade nem sempre é acompanhada por um evidente aumento dos sistemas de produção de alimentos, mas pode estar relacionada com um processo de competição intragrupo e

regional, e com o impulso dos líderes das facções para aumentar a produção de recursos simbólicos e aumentar o prestígio.

Estes novos dados demonstram que no Amapá pré-colonial houve um impressionante investimento em engenharia paisagística, compreendendo uma enorme carga de trabalho para escavar poços funerários e transportar grandes lajes de pedra para locais específicos para serem dispostas em configurações específicas para construção de monumentos como forma de demonstração de poder e prestígio.

Através das nossas escavações conseguimos mostrar que esta forma distinta de engenharia paisagística foi concebida para erguer monumentos comemorativos para celebrar os mortos que, com o passar do tempo, se transformam em antepassados. Também documentamos o uso contínuo de tais estruturas durante séculos, com arranjos e rearranjos de ossos humanos e depósitos votivos. Juntos, os resultados mudam as visões tradicionais sobre a escala da modificação da paisagem pré-colombiana e a sustentabilidade das práticas indígenas do manejo do meio ambiente na Amazônia, que puderam criar formas de organização sociopolítica complexa que, ao invés de exaurir o meio ambiente, aumentou sua biodiversidade.

Em tempos de busca por segurança alimentar relacionada à proteção ambiental e combate ao aquecimento global, talvez seja a hora de todos nós, arqueólogos e a sociedade em geral, olharmos para os modos de vida indígena da Amazônia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLE, W. (2008). "Sobre Indigeneidade das Paisagens." *Revista de* . 21(2): 14.
- BARRETO, C. (2015). *Figurine Traditions from the Amazon*. Oxford Handbook of Prehistoric Figurines. T. Insoll.
- BAYLISS, A. (2009). "Rolling Out Revolution: Using 14C Dating in Archaeology." *Radiocarbon*. 51(1): 123-147.
- BOOMERT, A. (1980). "The Sipawilini archaeological complex of Suriname." *Nieuwe West-Indische Gids*. 54(2): 94-108.
- BOOMERT, A. (2000). *Trinidad, Tobago and the Lower Orinoco Integration Sphere: an archaeological/ethnohistorical study*. Alkmaar, Cairi Publications.
- BRADLEY, B. (2000). *An archaeology of natural places*. London/ New York, Routledge.
- CABRAL, M. P. & J. D. M. Saldanha (2010). *Ocupações pré-coloniais no setor costeiro atlântico do Estado do Amapá*. *Arqueologia Amazônica* 1. E. d. S. Pereira and V. Guapindaia. Belém, MPEG/ IPHAN/ SECULT: 49-60.
- DIAS, A. S. (1995). "Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do PRONAPA." *Revista do Cepa (Santa Cruz do Sul)*. 19(22): 25-40.
- ERICKSON, C. (2010). "The Transformation of Environment into Landscape: the Historical Ecology of Monumental Earthwork Construction in the Bolivian Amazon." *Diversity*. 2(4).
- EVANS, C. and B. J. Meggers (1960). *Archaeological Investigations in British Guyana*. Washington, Smithsonian Institution.
- EVANS, C. and B. J. Meggers (1960). *Archaeological Investigations in British Guyana*. Washington, Smithsonian Institution.
- GNECCO, C. and J. Aceituno (2004). "Poblamiento Temprano y Espacios Antropogenicos en el Norte de Suramérica." *Complutum*. 15.

- GUAPINDAIA, V. (2001). Encountering the Ancestors. The Maraca Urns. Unknown Amazon. C. McEwan, C. Barreto and E. G. Neves. London, British Museum Press: 156-175.
- GUAPINDAIA, V. (2008). Além da Margem do Rio - a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. PhD.
- GUAPINDAIA, V. (2008). Prehistoric Funeral Practices in the Brazilian Amazon: The Maracá Urns. Handbook of South American Archaeology. H. Silverman and W. H. Isbell. New York, Springer: 1005-1026.
- HILBERT, P. and K. Hilbert (1980). "Resultados preliminares de pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas, baixo Amazonas." Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. (75).
- INGOLD, T. (2000). The Perception of the Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill. London, Routledge.
- JORDÁ PARDO, J. F., et al. (2009). Radiocarbon and Chronology of the Iron Age Hillforts of Northwestern Iberia. Interpretierte Eisenzeiten. Fallstudien, Methoden, Theorie. Tagungsbeiträge. der 3 Linzer Gespräche zur interpretativen Eisenzeitarchäologie. Studien zur Kulturgeschichte von Oberösterreich 22. R. Karl and J. Leskovar. Linz, Oberösterreichischen Landesmuseum.
- LEHMANN, J., et al., Eds. (2003). Amazonian dark earths: Origin, properties, management. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.
- MCEWAN, C., et al., Eds. (2001). The Unknown Amazon. London, British Museum Press.
- MEGGERS, B. and C. Evans (1961). An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest of South America. Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology. S. Lothrop. Cambridge, Harvard University Press.
- MEGGERS, B. and C. Evans (1970). Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica. Washington, Smithsonian Institution.
- MEGGERS, B. J. and C. Evans (1957). "Archaeological investigations at the mouth of the Amazon." Bulletin of the Bureau of American Ethnology 167: 1-664.
- Mestre, M. (1997). Les sites à fossé de Guyane française. École des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Anthropologie sociale

- et historique de l'Europe. Toulouse, Université Toulouse Le-Mirail: 60 + anexos.
- MESTRE, M. (2012). Yaou. Rapport d'Operation Diagnostic Archeologique. Cayenne, INRAP.
- MESTRE, M. (2013). Fortunat-Kapiri: Rapport d'activités 2013. Cayenne: 62.
- MORAES, C. d. P. and E. G. Neves (2012). "O Ano 1000: Adensamento Populacional, Interação e Conflito na Amazônia Central." *Amazônica*4(1).
- NEVES, E. G. (2006). *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- NEVES, E. G. (2008). Ecology, Ceramic Chronology and Distribution, Long-Term History and Political Change in the Amazonian Floodplain. *Handbook of South American Archaeology*. H. Silvermann and W. Isbell. New York, Springer.
- NEVES, E. G. (2010). A Arqueologia da Amazônia Central e as classificações na Arqueologia Amazônica. *Arqueologia Amazônica*. E. d. S. Pereira and V. Guapindaia. Belém, Museu Paraense Emilio Goeldi. 2: 561-580.
- NEVES, E. G. G., V.C., Lima H.P.; Vosta B.L.S.; Gomes, J. (2014). A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas. *Amazonía: Memorias de Las Conferencias Magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazonica*. S. Rostain. Quito, IKIAM: 137-158.
- ORTON, C. and M. Hughes (1993). *Pottery in Archaeology*. New York, Cambridge University Press.
- PAGAN-JIMENEZ, J. R. (2012). "Archaeological Investigations at the Saint-Louis on the Lower Maroni River: The Starch Grain Analysis." *Archaeology and Anthropology*. 17(2): 78-107.
- PAGÁN-JIMÉNEZ, J; Rodríguez-Ramos, R; Reid, Basil; Van den Bel, M. & Hofman, C. 2015. Early dispersals of maize and other food plants into the Southern Caribbean and Northeastern South America." *Quaternary Science Reviews*. 123: 231-246.

- PETERSEN, J. B., et al. (2001). Gift from the Past: Terra Preta and Prehistoric Amerindian Occupation in Amazonia. Unknown Amazon. C. McEwan, C. Barreto and E. G. Neves. London, British Museum.
- PIPERNO, D. and D. Paersall (1998). The Origins of Agriculture in the Lowland Neotropics, Elsevier Inc.
- PROUS, A. (1992). Arqueologia Brasileira. Brasília, DF, Editora da UnB.
- Rice, P. (1987). Pottery Analysis: A Source Book. Chicago, University of Chicago Press.
- ROSTAIN, S. (1994). L'Occupation Amérindienne Ancienne Du Littoral de Guyane. Centre de Recherche en Archaeologie Precolombienne(-CRAP). Paris, Université de Paris I: 721 + anexos.
- ROSTAIN, S. (2009). Between Orinoco and Amazon: The Ceramic Age in the Guianas. Anthropologies of Guayana: Cultural Spaces in Northeastern Amazonia. N. L. Whitehead and S. W. Alemán. Tucson, University of Arizona Press: 36-54.
- ROSTAIN, S. (2013). Islands in the rainforest: Landscape management in Pre-Columbian Amazonia. Walnut Creek, Left Coast Press.
- ROUSE, I. R. (1972). An Introduction to Prehistory: A Systematic Approach. New York, McGraw Hill.
- ROUSE, I. R. (1986). Migrations in Prehistory: Inferring population movement from cultural remains. New Haven, Yale University Press.
- RYE, O. (1981). Pottery Technology: Principles and Reconstruction. Washington D.C., Taraxacum Inc.
- SALDANHA, J. D. M. & M. P. Cabral (2010). A Arqueologia do Amapá: reavaliação e novas perspectivas. Arqueologia Amazônica 1. E. d. S. Pereira and V. Guapindaia. Belém, MPEG/ IPHAN/ SECULT: 95-112.
- SAUNALUOMA, S. and D. Schaan (2012). "Monumentality in Western Amazonian Formative Societies: geometric ditched enclosure in the Brazilian state of Acre." Antiqua. 2(1).
- SCHAAN, D. (2001). "Os dados inéditos do Projeto Marajó (1962-1965)." Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo 11: 141-164.
- SCHAAN, D. P. (2007). "Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das fases e tradições." Boletim do MPEG - Ciências Humanas. 2(1): 27-39.

- SCHAAN, D. P. (2012). *Sacred Geographies of Ancient Amazonia: Historical Ecology of Social Complexity*. Walnut Creek, Left Coast Press.
- SILVEIRA, M. I. and D. P. Schaan (2005). "Onde a Amazônia Encontra o Mar: Estudando os Sambaquis do Pará." *Revista de Arqueologia*. (18): 67-79.
- SINOPOLI, C. (1991). *Approaches to Archaeological Ceramics*. Washington D.C., Plenum Press.
- STERWARD, J. H. (1948). Culture areas of the Tropical Forests. *Handbook of South American Indians, Bulletin 143*. J. Steward. Washington, Bureau of American Ethnology. 3: 883-899.
- TILLEY, C. (1994). *A phenomenology of landscape: places, paths and monuments*. Oxford/ Providence, Berg Publishers.
- TILLEY, C. (2010). *Interpreting Landscapes: Geologies, Topographies, Identities. Explorations in Landscape Archaeology 3*. Walnut Creek, CA, Left Coast Press.
- VACHER, S., et al., Eds. (1998). *Amerindiens du Sinnamary (Guyane): Archeologie en forêt équatoriale. Documents d' Archeologie Française - Archaeologie Preventive - Barrage de Petit Saut, 60*. Paris, Maison des Sciences de l'Homme.
- VAN DEN BEL, M. (2015). *Archaeological Investigations between Cayenne Island and the Maroni River. A cultural sequence of western coastal French Guiana from 5000 BP to present*. Leiden, Leiden University. PhD.
- VAN DEN BEL, M. (2015). *Archaeological Investigations between Cayenne Island and the Maroni River. A cultural sequence of western coastal French Guiana from 5000 BP to present*. Leiden, Leiden University. PhD.
- VAN DEN BEL, M., et al. (2006). *Les occupations amérindiennes du site EVA 2 Chantier Soyouz du CSG, Malmanoury Commune de Sinnamary, Guyane Française*. Cayenne, INRAP.
- VERSTEEG, A. H. (2003). *Suriname before Columbus*. Paramaribo, Stichting Surinaams Museum.
- VERSTEEG, A. H. (2003). *Suriname before Columbus*. Paramaribo, Stichting Surinaams Museum.

- WENINGER, B. and O. Joris (2008). "A  $^{14}\text{C}$  age calibration curve for the last 60 ka: the Greenland-Hulu U/Th timescale and its impact on understanding the Middle to Upper Paleolithic transition in Western Eurasia". *Journal of Human Evolution*. 55: 772-781.
- WILLEY, G. R. (1971). *An Introduction to American Archaeology*. Vol. 2, South America. Englewood Cliffs, Prentice-Hall.
- WILLIAMS, D. (2003). *Prehistoric Guiana*. Jamaica, Ian Randle Publishers.

Em 2005, eu e Mariana Cabral chegamos ao Amapá para fundar o Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do IEPA. O diretor, Dr. Benedito Rabelo, nos solicitou investigar rochas em pé notadas por geólogos. Elias Avila observou que a inclinação das rochas correspondia ao alinhamento do solstício de dezembro, o que nos levou a organizar uma expedição em 21 de dezembro.

Após uma longa viagem, confirmamos a existência de um círculo de megalitos que marcavam o solstício. Encontramos muitos fragmentos cerâmicos, indicando a importância arqueológica do sítio. Decidimos iniciar um projeto de pesquisa para conectar esse sítio a outros na região e aprofundar nosso conhecimento sobre a história antiga da Amazônia.

O sítio atraiu a atenção do governo do Amapá, que financiou as pesquisas e ajudou a estruturar o Núcleo, culminando na criação do Parque Arqueológico do Solstício. Entre 2006 e 2012, realizamos escavações, promovendo o engajamento da comunidade e compartilhando nossas descobertas. Concluímos que os megalitos são mais do que construções antigas; eles nos conectam com o passado e mostram como a arqueologia pode abrir portas para outros tempos.



BAIXE GRATUITAMENTE  
ESTE LIVRO EM SEU CELULAR

Encontre este livro gratuitamente em formato digital acessando: [livraria.senado.leg.br](http://livraria.senado.leg.br)

SENADO FEDERAL

